PARA-TODOS...

PREÇO 1.000

ANNO XII ~ NUM. 587 ~ 15 MAR

GRANDE CONCURSO DE CONTOS BRASILEIROS

"O MALHO" — que é uma das mais antigas revistas nacionaes — considerando o enorme successo que vem despertando entre os novos contistas brasileiros e o publico em geral, a literatura ligeira, de ficção ou realidade, cheia de interesse e emoção, resolveu abrir em suas paginas um GRANDE CONCURSO DE CONTOS BRASILEIROS, só podendo a elle concorrer contistas nacionaes e recompensando com premios em dinheiro os melhores trabalhos classificados.

Os originaes para este certamen, que poderão ser de qualquer dos generos — tragico, humoristico, dramatico ou sentimental — deverão preencher uma condição essencial: serem absolutamente inéditos e originaes do autor.

Assim procedendo, "O MALHO" tem a certeza de poder ainda mais concorrer para a diffusão dos trabalhos literarios de todos os escriptores da nova geração, como ainda incentival-os a maiores expansões para o futuro, offerecendo aos leitores, com a publicação desses contos, em suas paginas, o melhor passa-tempo nas horas de lazer.

CONDIÇÕES

O presente concurso se regerá nas seguintes condições:

1a — Poderão concorrer ao Grande Concurso de Contos Brasileiros de "O MALHO" todos e quaesquer trabalhos literarios de qualquer estylo ou qualquer escola.

2a — Nenhum trabalho deverá conter mais de 10 tiras de papel almasso dactylographado.

3a — Serão julgados unicamente os trabalhos escriptos num só lado de papel e em letra legivel ou á machina em dois espaços.

4a — Só poderão concorrer a este certamen contistas brasileiros, e os enredos, de preferencia, versarem sobre factos e coisas nacionaes, podendo, no emtanto, de passagem, citar-se factos estrangeiros.

5a — Serão excluidos e inutilizados todos e quaesquer trabalhos que contenham em seu texto offensa á moral ou a qualquer pessoa do nosso meio politico ou social.

6a — Todos os originaes deverão vir assignados com pseudonymo, acompanhados de outro enveloppe fechado com a identidade do autor, tendo este segundo, escripto por fóra, o titulo do trabalho.

7a — Todos os originaes literarios concorrentes a este concurso, premiados ou não, serão de exclusiva propriedade desta empresa, para a publicação em primeira mão, durante o prazo de dois annos.

8a — E' ponto essencial deste concurso, que os trabalhos sejam inéditos e originaes do autor.

PREMIOS

Serão distribuidos os seguintes premios aos trabalhos classificados:

1º logar	**Rs. 300$000**
2º logar	**Rs. 200$000**
3º logar	**Rs. 100$000**
4º, 5º e 6º collocados, cada..	**Rs. 50$000**

Do 7º ao 15º collocados (Menção Honrosa) — Uma assignatura semestral de qualquer das publicações: "O Malho", "Para todos...", "Cinearte" ou "Tico-Tico".

Serão ainda publicados todos os outros trabalhos que a redacção julgar merecedores.

ENCERRAMENTO

O presente GRANDE CONCURSO DE CONTOS BRASILEIROS será encerrado no dia 28 de Junho de 1930, para todo o Brasil, recebendo-se, no emtanto, até 3 dias depois dessa data, todos os originaes vindos do interior do paiz, pelo correio.

JULGAMENTO

Após o encerramento deste certamen, será nomeada uma imparcial commissão de intellectuaes, criticos e escriptores para o julgamento dos trabalhos recebidos, commissão essa que annunciaremos antecipadamente.

IMPORTANTE

Toda a correspondencia e originaes referentes a este concurso deverão vir com o seguinte endereço:

Para o "GRANDE CONCURSO DE CONTOS BRASILEIROS" — Redacção de "O MALHO" — Travessa do Ouvidor, 21 — Rio de Janeiro.

EM 1744, a fama de belleza da princeza Amelia, irmã mais moça de Frederico II, levou a Berlim o embaixador da Suecia, com intenção de pedir a princeza em casamento para o seu futuro rei, Adolpho Frederico.

Por verdadeiro escrupulo, ou apenas por querer se fazer de rogada, Amelia garantiu á sua irmã Luiza Ulrique que, mesmo para ser rainha, lhe seria penoso mudar de religião.

— Se assim é, — insinuou Ulrique, (que embora mais velha quatro annos, ainda não estava casada) basta que sejas fria e altiva para com o embaixador. O desdem tornará impossivel o casamento.

Emquanto Amelia se entregava á travessa alegria de representar a caprichosa, e a insolente, Luiza Ulrique muito ardilosa, multiplicava-se em amabilidades, graças, cortezias e sorrisos.

Logo que o embaixador enviou a Stocholmo suas impressões, recebeu ordem de pedir a mão de Ulrique.

Luiza acceitou o pedido com grande alegria, e poucos dias depois o casamento foi celebrado.

Enganada e humilhada, Amelia primeiro sentiu profunda surpresa, e logo após violento despeito. Dirigiu á sua irmã amargas censuras, as quaes Ulrique promptamente respondeu:

— "Como pensar que não eras sincera?".

Em honra ao casamento as salas do palacio de Berlim foram franqueadas ao publico, e o grande banquete foi penoso e longo para a pobre princeza abandonada.

Entretanto, a sua attenção foi despertada por imprevisto incidente.

Frederico II notou entre os officiaes encarregados de manter a ordem, que o Sr. de Frenck, um de seus protegidos, trazia a charpa sem a franja de ouro. Interrogado pelo rei, o joven official confessou que as franjas haviam sido cortadas e roubadas no meio da multidão. Frederico humilhou-o com violentos sarcasmos.

Emquanto isso, Amelia admirava o garbo e a belleza do official, e commoveu-se da altiva attitude que oppoz ás ironias do soberano. E nessa mesma tarde, ainda sob o choque de profunda emoção, ou quem sabe, pela necessidade de uma consolação, ou desforra sentimental, achou meios de se approximar delle e convidal-o para no dia seguinte ir á sua casa buscar uma outra charpa.

O convite não cahiu nos ouvidos de um surdo, Frenck não faltou á entrevista.

Frederico, que tudo via e sabia, a cada nova visita, submettia o joven official a prisões mais longas.

O enamorado parecia não comprehender a reprehensão.

Para todos...

Revista semanal, propriedade da Sociedade Anonyma "O Malho". Directores Alvaro Moreyra e J. Carlos. Director-gerente Antonio A. de Souza e Silva.

Assignaturas: Brasil - 1 anno, 48$000; 6 mezes, 25$000. Estrangeiro - 1 anno, 85$000; 6 mezes, 45$000. As assignaturas começam sempre no dia 1 do mez em que forem tomadas e serão acceitas annual ou semestralmente. "Para todos..." apparece aos sabbados e publica, todos os annos, pelo Natal, uma edição extraordinaria.

A princeza Amelia, irmã de Frederico II

Para terminar de uma vez com a sua teimosia, o rei, sob pretexto de planos entregues á Austria, prendeu o official no forte de Glatz, na Silésia.

Frenck conseguiu fugir, ganhou a Bohemia, foi á Vienna e a Petersbourg gabar-se da sua boa sorte.

Mas os espiões de Frederico estavam alerta, e prenderam-no em Dantzig. Conduzido á fortaleza de Magdebourg, o desgraçado foi algemado e encarcerado em um subterraneo, onde passou dez annos.

Secretamente, e com auxilio de grandes despezas, a princeza Amelia conseguiu levar ao conhecimento de Maria Thereza a triste sorte de Frenck, que era de origem austriaca. A imperatriz, prestes a assignar o tratado que poz fim a guerra de sete annos, pediu a liberdade do prisioneiro. Frederico não ousou recusal-a.

O apaixonado da princeza, jurando ser discreto, deixou emfim a Russia.

Desgostos ou mal mysterioso, a joven e bella Amelia transformou-se pouco tempo depois em uma velha doente e feia. Paralytica das mãos e braços, vê seu corpo encarquilhar-se, e as pernas emmagrecidas vacillarem sob o seu peso, embora ligeiro.

Os cabellos cahiam, e a voz tornou-se horrivelmente rouca.

E' preciso dizer, para descargo dos medicos, que a princeza levava o espirito de contradição, a ponto de applicar os remedios ao contrario. Assim torna-se zarolha porque, receiando perder a vista, colloca dentro dos olhos o liquido com o qual deveria apenas banhar as palpebras.

As deformidades physicas, e a expressão sarcastica da physionomia de Amelia causavam medo a todos os que della se approximaram, e a sua moral não era de molde a encorajar.

Conhecendo bem a musica, compunha oratorios notaveis, muito illustrada, apreciava as boas leituras, embora perdesse longas horas em ligeiras palestras.

Nunca se queixava, nem tão pouco se apiedava dos males alheios; apezar de muito religiosa, desconhecia a caridade.

Reservada e desconfiada, não acreditava no bem, em tudo via o mal, e previa sempre as mais horriveis catastrophes.

Se por acaso, sabia da enfermidade de algum parente ou amigo, logo o enterrava com alguma calumnia, á guisa de oração funebre.

Seu irmão, o principe Henrique, chamava-a — "fada malfazeja".

Accusava-a de levar ao rei más noticias, e negava-se a recebel-a por causa de seu caracter, mais satyrico ainda que o de Frederico.

Mão grado as gargalhadas dos aduladores, Amelia zombava, escarnecia e chacoteava de seu martyrio sem a mais leve piedade.

Sua victima preferida era uma honesta viuva, chamada Mme. Bonin. Fosse por amor ás cartas, ou por escassos meios de fortuna, essa boa mulher prestava uma tal attenção ao jogo, que todas as suas impressões reflectiam-lhe no rosto. Quando perdia sentia tão grande emoção que a custo se continha.

Observar a sensivel Mme. Bonin era para a princeza um amargo prazer.

Assim, obrigava a viuva a jogar com Mme. de Troussel, sua amiga e confidente; e antes de começar a partida recommendava com insistencia:

— Peço-te, Troussel, que jogues o melhor possivel, e que procures ganhar... para que a boa Mme. Bonin chore!

Por semelhança de caracter, por compaixão pelo estado doentio de sua

irmã ou por desejo de suavizar ás recordações de passadas violencias, Frederico II era cheio de carinhos para essa fada malfazeja.

De seu lado, por medo, interesse, ou gratidão, por ter sido preservada de um escandalo, a princeza não conservou resentimentos de seus amores contrariados, e ambos continuaram muito unidos.

Certa da indulgencia do rei, Amelia não tinha escrupulos em reprehender e censurar os parentes.

Essa tia "desmancha prazeres", não era estimada pela familia, e principalmente pela joven Luiza da Russia, filha do principe Ferdinando, o mais moço dos irmãos de Frederico.

Luiza conta a repugnancia que lhe causava o aspecto dessa solteirona enferma de nariz saliente, labios delgados e olhos arregalados.

Amelia era impertinente, e muitas vezes censurava a sobrinha, dizendo que só gostava dos meninos.

E era verdade, pois a velha princeza comprava aos ciganos, e dansarinos de circo, miseraveis garotos que mandava educar nas escolas para creanças pobres. Visitava-os duas vezes por semana, e obrigava-os a lhe falar de modo familiar.

O seu favorito era o principe Luiz, irmão da princeza Luiza. Amelia elogiava e afagava esse sobrinho, consentindo que viesse estudar orgão no seu palacio em Vilhelmstrasse.

Constantemente dizia-lhe que seria o herdeiro de todos os seus bens, e riase, quando o pequeno lhe chamava de velha feiticeira.

Para a princeza Luiza eram sempre desagradaveis as visitas da velha princeza, pois temia as reprehensões que sua tia nunca deixava de lhe fazer. Amelia estendia á sobrinha as mãos ankylosis, e ordenava que lhe calçasse as luvas "Luiza não acertava da primeira vez" e a velha tia, perdendo logo a paciencia, chamava-a de tola e desageitada.

A confirmação da pequena princeza deu logar a uma linda festa em familia. Todos se apressaram em felicitar a menina. A tia, que durante a ceremonia se conservou mais ou menos quieta, chama a sobrinha e deante de todos pergunta-lhe bruscamente:

— Em que religião acabas de ser confirmada?

— Na religião protestante — respondeu ella.

— Ensinaram-te o que vem a ser o diabo e a Trindade?

Luiza ficou interdicta, o Sr. Conrad, o pastor, nada lhe havia ensinado a esse respeito.

Amelia estava satisfeita, pois fizera Luiza corar deante de todos os convidados.

Charles Foley

O pae de Luiza, o principe Ferdinando, adoeceu gravemente. A velha princeza veiu habitar o palacio; não via o irmão doente, porém, installada em um salão proximo, falava aos medicos, importunava-os com perguntas, e aconselhava remedios extraordinarios, exigia que os sobrinhos lhe fizessem companhia.

Para tirar ás creanças toda esperança, Amelia contava historias fantasticas de mortes e tragedias.

— Seu pae não ficará bom — repetia ella — pois na segunda sangria appareceu sangue, o que é de muito máo agouro.

O cão favorito do principe latiu, e logo Amelia sacudindo a cabeça, disse:

— Os cães só uivam em casa dos moribundos.

Se por acaso percebia que as creanças não acreditavam no que dizia, encolerizava-se e sentia-se mortalmente offendida, quando duvidavam da sua palavra.

Uma quinta-feira os padecimentos do principe aggravaram-se, a fada malfazeja, declara que elle morrerá no dia seguinte "pois todo o doente deve morrer em sexta-feira".

Justamente nesse dia uma crise favoravel salva o doente.

Indignada com a alegria que todos sentem, a princeza chama os parentes de almas crueis, e teima em affirmar que seu irmão continúa gonizante.

Finalmente, a princeza Amelia morre pouco tempo depois de Frederico, em 30 de Março de 1787.

A doença de sua irmã parecia tão ligeira, que o principe Ferdinando achou desnecessario desfazer seu jantar marcado para o dia seguinte. Porém, nessa manhã, a velha princeza lembra-se de perguntar á camareira:

— que dia é hoje?

A creada respondeu — sexta-feira — adoente foi tomada de tão grande susto, que alguns momentos depois expirava.

Mesmo depois de morta, essa solteirona, essa fada malfazeja, encontrou meios de mystificar os parentes.

Reunida a familia, o conde de Hergberg foi incumbido de ler o testamento.

Ao principe Ferdinando, irmão que dizia adorar, Amelia não dava mais que ao principe Henrique, que ella detestava. A seu favorito, o principe Luiz, desherdava completamente. Deixava os dois bellos palacios aos filhos do rei Frederico Guilherme II, pequenos sobrinhos, pelos quaes nunca manifestou o menor interesse. Parte dos capitaes e da bibliotheca, destinava a gymnasios e escolas.

Interropendo essa nomenclatura muito longa, pois o conde de Hergberg com difficuldade decifrava a escriptura, o joven duque de Brunswick propoz terminar a leitura.

A princeza Amelia estimava muito esse sobrinho e lhe havia feito as mesmas promessas que ao principe Luiz. Assim, como não havia ainda sido nomeado, o principe conservava grandes esperanças.

Cheio de impaciencia, tomou o testamento das mãos, do conde de Herzberg. Chegando ao fim da pagina, o joven leu com ar triumphante:

— "Quanto ao meu querido sobrinho Brunswick..."

Ahi, vermelho de emoção, o querido sobrinho pára, vira a folha, e termina com voz desfallecida:

— "...lego todo o meu tabac d'Espagne!"

Obras consultadas: Quarenta e cinco annos de minha vida (1770 a 1815) recordações de Luiza da Prussia (princeza Radziwill) publicadas pela princeza Radziwill (née Castellame). (Plon Nourin editores).

— Memorias do barão Dieudonné Thiebault, pae do tenente general barão Thiebault.

Clinica Medica de "Para todos..."

O CHLORETO DE ZINCO E AS ULCERAÇÕES TUBERCULOSAS

Durante longo tempo, foi o chloreto de zinco utilizado, no tratamento das ulcerações tuberculosas e das ulceras lupicas rebeldes; entretanto, sómente agora, com as observações de **Nicolas** e de **Pillon**, os resultados favoraveis aconselham a adopção de tal methodo therapeutico.

Emprega-se, em pincelagens, o soluto alcoolico de chloreto de zinco, assim formulado:

Chloreto de zinco, 3 grammas. Alcool a 80 gráos, 10 centimetros cubicos.

Como a acção do chloreto de zinco é muito energica, as applicações devem ser feitas cuidadosamente, havendo, de uma á outra, o permeio de vinte e um dias, no minimo.

No intervallo do tratamento chloretado, far-se-á embrocações com a tintura de iodo, diluida conforme a seguinte prescripção:

Tintura de iodo, 5 grammas. Alcool a 50 gráos, 35 centimetros cubicos.

A applicação do chloreto de zinco provoca sensação dolorosa um tanto intensa; mas semelhante inconveniente deve ser resignadamente supportado, visto como a medicação apresenta, bem depressa, effeitos mui beneficios.

Em regra, a dôr apenas se verifica, no dia da applicação; e, nem sempre, o phenomeno doloroso incommoda o enfermo ao ponto de obrigal-o a contorsões e gemidos que reclamem o emprego de medicamentos analgesicos.

Decorrido o primeiro dia, após sua applicação, o chloreto de zinco patenteia o seu vigor detergente. Observa-se que as ulcerações vão perdendo, pouco a pouco, o rubor primitivo, que seus bordos se adelgaçam e se abaixam consideravelmente e que a epidermisação vae tambem evoluindo, em rapida carreira.

Quasi sempre, o chloreto de zinco actúa a contento, cicatrizando integralmente ulcerações tuberculosas, mesmo com um diminuto numero de cauterisações.

CONSULTORIO

L. R. S. (Piracicaba) — Use solução de digitalina Mialhe 20 gottas, extracto fluido de stygmas de milho 10 grammas, tintura de polygala 4 grammas, xarope das cinco raizes 30 grammas, infuso de bagas de zimbro 300 grammas — um pequeno calice de duas em duas horas. As refeições, tome "Kola Granulada Astier".

I. Z. A. (Tres Corações) — Deve usar: chlorhydro-sulfato de quinina 20 centigrammas, salol 40 centigrammas — em uma capsula, vindo 12 iguaes, para tomar duas por dia. Faça, por semana, tres injecções intra-musculares com o "Irol Churchill".

NIDIA (Magé) — Dê á creança: methylarsinato de sodio 20 centigrammas, lacto-phosphato de calcio 15 grammas, glycerina 30 grammas, xarope iodo-tannico, segundo a formula de Demolon 300 grammas — uma colher (das de sobremesa) depois de cada refeição principal.

GUERRA (Rio) — De duas em duas horas, tome uma capsula de "Phaguryl". Pela manhã, faça uma grande lavagem local, empregando uma solução fraca de permanganato de potassio, — 25 centigrammas, para um irrigador cheio dagua morna. Ao anoitecer, faça outra grande lavagem, com dois litros dagua morna, constituindo uma solução de argyrol a vinte por cento. Complete o tratamento com uma serie de injecções da "Vaccina Antigonococcica".

O. G. (Nictheroy) — Use: iodoformio 1 centigramma, creosoto de faia 2 centigrammas, eucalyptol 10 centigrammas, sabão amygdalino, quantidade sufficiente para uma pilula, vindo 12 iguaes e sendo a applicação de tres por dia. Use tambem "Xarope de Gomenol Prevet", uma colher (das de sobremesa) de quatro em quatro horas.

L. U. I. Z. A. (Ponte Nova) — Sua progenitora deve usar, tres vezes por dia, o "Crataegol Boulet" — dez gottas num calice dagua assucarada, com hydrolato de flores de laranjeira. Deve usar tambem, depois de cada refeição principal, o "Triogene For". Não ha inconveniente no emprego de banhos mornos geraes, diariamente. Os banhos frios absolutamente não pódem ser indicados.

P. F. M. (Rio) — Antes de cada refeição principal, use "Hemoductyl" — duas vezes a medida que acompanha o vidro. De duas em duas noites, no momento de se recolher ao leito, empregue um dos "Suppositorios Midy".

LÁLÁ (Recife) — Póde usar a pasta referida, porém, conjunctamente com remedios internos. No meio do pequeno almoço e, no meio da ceia, tome "Placentodóse", num pouco de leite frio ou morno. Antes do almoço e do jantar, use "Sanas" — quinze gottas num calice dagua assucarada. Faça, por semana, tres injecções hypodermicas, empregando a "Oceanine", (ampolas de 60 centimetros cubicos).

F. A. R. N. (Aracajú) — Esclareça o assumpto da consulta, indicando a idade, o estado civil, as enfermidades anteriores e a época exacta em que soffreu a primeira manifestação da actual doença.

SUZIE (São Paulo) — Simples resfriamento que não mereceu a devida attenção, eis o que se deprehende de sua atemorisada cartinha. Basta usar: tintura de aconito vinte gottas, licor ammoniacal anizado quarenta gottas, tintura de eucalypto 1 gramma, benzoato de sodio 4 grammas, xarope de Roux 30 grammas, infuso de especies bechicas 250 grammas — um pequeno calice de tres em tres horas. Use tambem, depois de cada refeição principal, o "Histogenol Granulado Naline".

DR. DURVAL DE BRITO

Eis o introito de "O Professor", conto de Raul Lellis, illustrado por Acquarone, que "O Malho" publica em seu numero desta semana, que está á venda.

"Raul Lellis é um dos mais interessantes contistas nacionaes. Apanhando, sempre, para lemma dos seus trabalhos, factos concretos e reaes, elle nos sabe apresentar, como nenhum outro contista da nova geração, historias surprehendentes, verdadeiras paginas abertas do livro da vida. Neste conto, por exemplo, com o qual concorreu ao Grande Concurso de Contos Tragicos de "A Ordem" — o popular matutino carioca — e cujos contos "O Malho" vem publicando, semanalmente, em suas paginas, em primeira mão, de accôrdo com a combinação feita com aquelle jornal, Raul Lellis disseca com a pericia de um sabio chimico e mestre, mas que tambem sendo medico, abandonara a medicina, para que, cada cura que fizesse, não lhe parecesse um sarcasmo do destino a zombar da sua passada inutilidade em salvar o ente que mais queria."

Em Therezopolis — Sahida da missa na capella do Patronato de Menores.

OS DRAMAS DA

PENETRANDO ATÉ O MAIS INTIMO RECANTO DO CORAÇÃO DE D. EVA
MASCARADOS QU

"Não é o passado que me tortura"! — Quartorze vezes expulsa do lar — A v Ouvindo lagrimas — O drama emocionante da existencia de tres creanças que não p los, o menino que soffre como um homem — Cila, a menina obrigada a ser orphã —

por WALTE

Um direito Caçado

Ella é a unica mãe que não recebe a visita dos filhos!

D. Amelia, a zeladora da prisão das mulheres, commoveu-se ao falar-me assim. Referia-se á D. Evangelina da Rocha Lima, a senhora envolvida na ruidosa tragedia occorrida na ilha do Governador.

— **Não recebe a visita dos filhos ? ! Se é um direito que assiste a todos os encarcerados !**

— **Sim. Menos a essa pobre mãe. Sou testemunha dos seus tormentos. Jámais soube de alguem que soffresse tanto como D. Evangelina. Despojaram-na do direito mais sagrado de uma mulher !**

— **Conte-me, D. Amelia. Quem é que commette o barbaro crime de roubar a mãe dos filhinhos ?**

Haviamos chegado ao fim de um pateo deserto da Casa de Detenção. A funccionaria encarregada de guardar as mulheres indicou-me a porta da prisão onde está recolhida D. Evangelina da Rocha Lima. Fez signal para que esperasse e entrou para chamar a accusada.

Ella terá alma?

Tanto quanto disseram os jornaes, em Maio do anno passado, D. Evangelina chefiou um bando de homens mascarados, que assassinaram a tiros o seu marido. A emocionante proeza, segundo os noticiaristas, teria sido engendrada pela mesma senhora, com o proposito de raptar tres filhos que se achavam em poder do esposo.

As consequencias do embate foram as mais funestas, pois morreram o marido de D. Evangelina e o joven Fortunato Perez, um dos assaltantes.

Agora, um anno depois, os réos vão comparecer á barra do Tribunal do Jury.

Que se passará na alma dessa senhora que aguarda o pronunciamento da justiça ? Ella terá alma ?

O passado e o presente

Obrigada — disse-me D. Evangelina da Rocha Lima. — **O senhor foi o primeiro reporter que teve a idéa de procurar-me.**

— **Tive a idéa de martyrizal-a com a recordação do seu passado.**

— **Pois creia que não é o passado que me tortura. O meu grande soffrimento começou depois que entrei na prisão. E este carcere é o presente da minha vida.**

Sahimos caminhando em direcção á secretaria da Detenção.

A presidiaria, coberta de luto, sem nenhum artificio no rosto, parecia-me uma monja solitaria, para quem se acabou o mundo. Ella deslisava ao meu lado e eu não via a ponta dos seus sapatos. Os passos, lentos e abafados, ficavam escondidos sob a saia comprida e larga.

Tudo que se vê em D. Evangelina faz pensar na monstruosidade da dôr que a acompanha. Os olhos verdes, ao invés de reflectirem a juventude dos seus trinta e cinco annos, espelham uma velhice triste e cansada. Sente-se que as lagrimas lhe queimaram o rosto e enrugaram-lhe a pelle. A bocca, por força de só articular queixas, contrahiu-se num rictus doloroso. Penso que D. Evangelina não sabe mais sorrir.

— **Este carcere é o presente da minha vida !**

Uma vida conjugal

Fale-me do passado, minha amiga.

D. Evangelina da Rocha Lima aconselhou-me a ler os autos do seu processo. Queria que eu me guiasse por documentos e não por palavras.

— **Li todo o processo** — respondi-lhe. — **Tive nas mãos as provas seguras de tudo quanto espero ouvir da sua bocca. Os papeis já me falaram. Quero escutar agora a sua alma.**

A presidiaria estava sentada á minha frente, no salão da secretaria. Não muito longe, na sua mesa de trabalho, o funccionario Rodolpho de Oliveira folheava um livro de registros da prisão.

— **Minha vida conjugal durou apenas treze annos** — disse-me Evangelina. — **Em principios do anno passado, requeri uma acção de desquite. Era o fim.**

O juiz Alvaro Belfort deu ganho de causa á esposa do senhor Rocha Lima, que foi condemnado a perda dos seus tres filhos e a proporcionar-lhes os meios de subsistencia. D. Evangelina allegára na acção que era maltratada pelo marido, e este, contestando, só attribuiu á esposa máo genio.

Ella era um modelo de honestidade. Treze vezes expulsa do lar, nunca renunciou ao amor de seus filhos. Ouvia os mais pesados insultos. Via o marido apontar-lhe a porta da rua e não se arredava do seu posto de mãe. O immenso affecto pelos filhos fazia de D. Evangelina uma mulher sem melindres, uma creatura descida até a mais extrema humildade. Recebia em pleno rosto as chicotadas da injuria e continuava a ser esposa e mãe, naquelle lar de onde a enxotavam sem piedade.

— **Um dia** — prosegue a presidiaria — **meu esposo applica a violencia. Faz-me sahir de casa, á força, sem permittir, ao menos, que eu calçasse os sapatos ! Na rua, a mercê do destino, separada de meus tres filhinhos queridos, imagino o que devo fazer. Então, vem-me a idéa de procurar minha mãe, com quem passo a morar. Intento depois a acção de desquite. Venço. Conquisto os filhinhos, que levo a morar commigo, em casa de mamãe.**

A vingança de um esposo

O marido de D. Evangelina não cumpriu a sentença do juiz. Nunca auxiliou a esposa e os filhos.

— **Deixei de ter marido** — continúa a minha interlocutora. — **Elle desamparava-me. Acabou-se, então, minha vida conjugal. No emtanto, sentia-me no dever de educar meus tres filhinhos. Puz-me a serviço delles. Fiz-me costureira. Trabalhava dia e noite, para varias casas de modas. Quando estas não me davam costuras, acceitava até trabalhos grosseiros de fabricas** (as provas dessas revelações encontram-se nos autos). **Minha machina funccionava, ás vezes, até o despontar da aurora ! Faltavam-me as forças.**

Foi nessa contingencia que D. Evangelina conheceu Fortunato Perez. O rapaz, em pouco, fez intimidade na

ALMA FEMININA

GELINA DA ROCHA LIMA, ACUSADA DE TER CHEFIADO O BANDO DE MATOU SEU MARIDO.

gança de um esposo — Revelações sensacionaes dos autos de um ruidoso processo — dem ver a mãesinha — Marcilio, o doentinho que luta por causa de um retrato — Car- Um cadaver vivente.

PRESTES

casa. Tornou-se muito amigo das creanças. Certo dia, então, quando já havia conquistado o coração da esposa abandonada, propoz casarem-se no Uruguay, promettendo á D. Evangelina o que ella mais ambicionava no mundo. (Fortunato prometteu assegurar a educação dos filhinhos da desquitada).

Começou, desde então, uma nova existencia para D. Evangelina. Mas durou pouco a felicidade, porque o senhor Rocha Lima, apoiado na intromissão de Fortunato, intentou uma acção contra a esposa e conseguiu rehaver os filhos.

— Ahi está a vingança de meu marido ! — exclama a accusada. **— Reduziu-me á miseria, deixando de assegurar-me a pensão imposta pelo juiz. Depois, quando appellei para o amparo que elle me negava, desgraçou-me definivamente, arrebatando-me os filhos!**

Tragedia de um coração de mãe

Longe da mãe, os pequenos viviam torturados de saudades. Quasi todos os dias, ás escondidas do pae, escreviam bilhetinhos á mãezinha querida. Communicavam-lhe a immensa tristeza da separação. (Existem nos autos 40 desses bilhetinhos).

Carlos, o mais velho, de 12 annos de idade, enviou-lhe um retrato com esta dedicatoria:

"Minha querida mãezinha. Offereço o meu retrato, consagrando-te um amor tão forte como o que me dedicas. Do teu filho — Carlos."

A pobre mãe, na impossibilidade de visitar as creanças em casa, temerosa do máo genio do marido, procurava por todos os meios avistar os filhos. Escondia-se nos vãos das portas ou atraz dos postes da rua, nos logares por onde sabia que o esposo devia passar com os pequenos. Muitas vezes, vendo os filhos, tinha impetos de estreital-os nos braços. Mas lembrava-se de que não podia ser mãe. Limitava-se a olhal-os de longe, sem ser vista. E seguia-os até onde podia.

— Só Deus é testemunha das lagrimas que eu verti e verto ainda pelos meus filhinhos !

D. Evangelina enxugou os olhos com um lenço. E proseguiu, com a voz alterada:

— Era essa a minha triste situação, quando vim a saber que meu esposo ia levar as creanças para um longinquo Estado do Norte. Desesperei-me. Que seria da minha vida sem aquelles queridinhos que tanto me amavam ?! Elles sempre me escreviam: "mamãe, vem buscar-nos !" Então, dominada pelo amor de mãe, pedi a Fortunato que fosse commigo á ilha do Governador, para trazermos os pequenos. Nunca imaginei matar o pae dos meus filhos. Para mim, elle já estava morto.

Revelações sensacionaes

E' á luz dos proprios autos que se encontra a prova de que D. Evangelina foi á ilha do Governador unicamente para buscar os filhos que a chamavam. Quando se deu o tiroteio, ella estava tão desprevenida da tragedia, que quasi desmaiou, sendo amparada até o ponto onde se achava a lancha para o regresso. Ao avistar Fortunato, que soffrera um ferimento mortal, perguntou-lhe:

— Que foi que aconteceu ?! Por que não trouxeram as creanças ?! Meu marido recebeu-os a bala ?!

Fortunato, a custo, pois perdera muito sangue, respondeu-lhe que foram obrigados a fazer fogo.

Então, ainda mais afflicta, D. Evangelina interrogou-o:

— Mataram o meu marido ?!

— Não. Elle nem está ferido.

Tão innocente era a pobre senhora, que, mais tarde, foi levar Fortunato á uma casa de saude, collocando-se á sua cabeceira. Foi quando uma pessoa das relações do casal desquitado, surprehendendo-se por vel-a ali, advertiu-a:

— Que faz aqui, D. Evangelina ?! A senhora é accusada de ter mandado assassinar o seu esposo, e elle está morrendo noutro quarto deste mesmo hospital ! Retire-se depressa, se não quer ser presa !

No dia seguinte, D. Evangelina apresentou-se espontaneamente á policia.

— Foi a minha morte ! — exclamou. **— Nunca mais vi os meus filhinhos !**

O drama de uma alma infantil

Diga-me, D. Evangelina. Por que prohibem que seus filhos a visitem ? Eu sei que até as ladras e assassinas têm o direito de ser mães.

— Sim. Mas eu não o tenho. Arrancaram-me os filhos ! Extirparam-me o coração ! Fui assassinada !

— Assassinada ?!

Se D. Evangelina fosse uma mulher feroz, teria rilhado os dentes. Mas apenas levou o lenço á bocca, para abafar um soluço.

Abriu-se-me, então, uma alma inteira de mãe. Ainda me sôam ao ouvido as palavras que ouvi. Palavras ? Eu ouvi lagrimas !

Depois da morte do senhor Rocha Lima e da prisão de sua esposa, os filhinhos de D. Evangelina passaram a viver em companhia de duas irmãs do extincto.

Marcilio, um pequeno epileptico, hoje com treze annos incompletos, é o que talvez tenha sentido mais falta dos carinhos da mãe.

O pobrezinho recebeu em cheio o terrivel golpe. Depois, leu o que os jornaes diziam da tragedia. Mas o seu coração repellia aquellas noticias. Não acreditava que sua mãezinha fosse uma assassina. No emtanto, suas tias confirmavam tudo quanto estava nas folhas e prohibiam-no de falar na mãe.

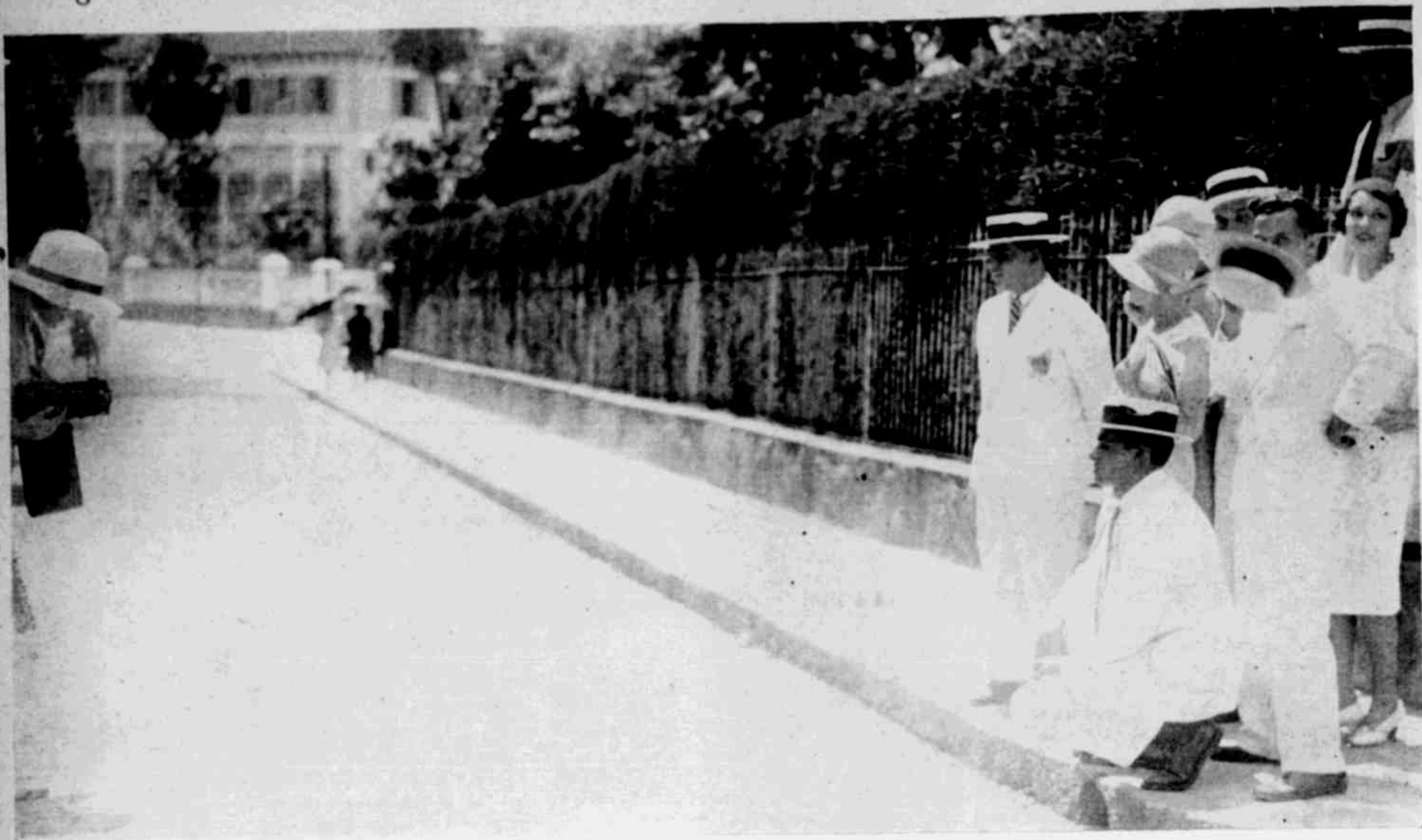
Certo dia, folheando um jornal, Marcilio encontrou uma photographia de D. Evangelina. Seus olhinhos encheram-se de lagrimas. Elle não tinha nenhum retrato della. Então, sem que as tias soubessem, apanhou uma tesoura e recortou a gravura publicada. Guardou-a no bolso do pyjama, junto ao coração.

Mas as cunhadas de D. Evangelina descobrem a ausencia da photographia. Procuram-na por toda a parte. Afinal, encontram-na em poder de Marcilio. Tentam arrebatal-a do seu bolsinho. O pequeno resiste. Trava-se luta. Marcilio grita e aggride. Defendia o retrato como se defendesse a propria mãe ! Vencido, por fim, vê a photographia nas mãos de uma das tias. E ella rasga o papel e arremessa-o ao chão.

— Tua mãe é uma assassina ! — grita. **— Não tens mais mãe !**

D. Evangelina, ao recordar-me esse lance, articula um gemido que me atravessa o coração. E deixa cahir o busto sobre a mesa, o rosto escondido entre os braços cobertos de luto.

Parecia uma mãe chorando sobre a mesa funeraria do filhinho !

(Termina no fim do numero)

PETROPOLIS UMA MANHÃ DE DOMINGO

DR. PLINIO OLINTO

Delegado do Brasil ao Primeiro Congresso Internacional de Hygiene Mental, em Washington. Partiu para New York, no dia 5, pelo "Eastern Prince", levando as representações da Directoria Geral de Instrucção Publica do Districto Federal, da Sociedade Brasileira de Neurologia, Psychiatria e Medicina Legal e da Liga Brasileira de Hygiene Mental.

PARA TODOS...

Trem Azul

O CARNAVAL paulista já deu um arzinho da sua desgraçada graça, amplo, vazio, feito de carnavalescos e espectadores. E com esta frase me parece que já toquei fundo no mal irremediavel do nosso Carnaval.

Dizer que o Carnaval paulista não é alegre me parece bobice. E' alegre sim, pros carnavalescos. Quem se diverte, se diverte tanto como em qualquer outro Carnaval dêste mundo. Eu mesmo já tenho passado carnavais estupendissimos aqui e si não maracatusei neles de geito com que o fiz no Recife, o ano passado, nas quartas-feiras seguintes me senti sempre naquele prazer desamparado que é a convicção de quem se divertiu. Ora, mais vale uma convicção que dois passaros voando. O mal é outro, pois. Está na divisão nitida da população em dois grupos absolutamente distintos: carnavalescos e espectadores. E inda temos que distinguir a respeito de espectadores, porquê ha duas classes deles. Ha o espectador que vai assistir a uma coisa com intenção de se divertir. E', por exemplo, o caso do individuo que compra bilhete e entra no teatro. Este faz parte do espectaculo, está claro, ajuda a realidade social do divertimento, se diverte e ajuda o prazer dos outros parceiros. Mas tem ainda a classe dos espectadores que assistem à coisa sem querer. Basta imaginar no bilheteiro, no encarregado do pano-de-boca, no vendedor de balas, pra compreender de quem estou falando. Estes são individuos tão incompativeis com o prazer como a situação psicologica do "Ridi-pagliaccio".

Isso é incontestavel. Talvez poucos dos leitores já tenham reparado, mas a gente está se divertindo mesmo muito, de repente passa a figura fatidica de Nemesis, entoando: "Baleiro! Chocolates finos!", é horrivel! o divertimento para em nossa boca e fica soletrando, emquanto Nemesis não se esvai.

Ora a primeira classe de espectador, os espectadores de verdade, são uma parte importantissima do Carnaval carioca. Centenas de estrangeiros e de provincianos que vão ao Rio "divertir o Carnaval", como, sem querer, diz muito observadoramente um dobrado recifense. Esses em São Paulo não existem, são os outros que abundam aqui. Quem? São alemãis, francezes, inglezes, principalmente norte-americanos de passagem, que vieram ganhar dinheiro, donos de gordas mensalidades e promessa firme, antes certeza de em dois anos estarem de novo no rincão patrio. Essa gente fica abobalhada ante a festa dos nativos. E' menos um dia util pra eles. Passam na rua, olhando, comentando, vão pra um bar, e pra todas as especies de bar, acho mesmo que se divertem... Mas não divertem o Carnaval, não tomam parte em, e isto é que importa decisivamente.

Esplicado isso, agora estou disposto a confessar que a culpa é dos paulistanos. Nos falta força convincente da coisa pra arrastar os outros na onda. No Rio, no Recife, essa força existe, os carnavalescos são irresistiveis. Lembro-me muito bem da primeira vez que compartilhei dum Carnaval carioca. Era tarde de sabado e cheguei na Avenida, não sei, aquilo me chocou, me machucou, fiquei ofendido com o espectaculo, fui tomar um refresco pra engulir o malestar. Não enguli nada e continuei solitario como um deus até de noite. Mas resistir quem ha-de! O resto nem se conta.

O mesmo sucedeu o ano passado no Recife. Mesma sensação, mesma repugnancia inicial, mesmo abandono de mim em seguida, e finalmente uma frevolencia dionisiaca marcada a pedra branca no livro desta vossa vida. Recife... Estupidas as cocainas e todos os estupefacientes!... Poucos sabem o que é a moleza equatorial, semi-sã, dum calorão que não prostra porque é continuo e maguado pelas aguas, poucos sabem o que é essa especie de estado de gordura de alma, em que de sopetão um frevo passa cantando e toda a gente cáe no "passo"... Hoje, que a coisa está um ano de mim distante, pensando bem, parece que mastigo um sonho. Aquilo não foi vida não, nem foi sabá nem catimbó. Foi... não sei o que foi, foi o frevo do Recife e melhor Carnaval dêste Brasil.

Uma feita se encontraram aqui na minha casa dois poetas ilustres pernambucanos. Um carioca da gema como existencia e outro pernambucano em tudo e por tudo. O assunto Carnaval levou os dois para uma discussão de fogo-do-ar, com muita luz e pouco alcance. Discutiram, discutiram, de repente descobri que um não conhecia o Carnaval que o outro defendia! Naquele tempo eu não podia ser juiz, não tinha conhecimento de causa. Agora tenho. E dou o premio pró Recife. Está claro que o Carnaval do Rio é muito mais vasto, muito mais turistavel, muito mais balcão e mercadoria á escôlha, mas o Rio não passará jamais duma fotografia na "Illustration", premio de boniteza, cidade empregada-publica com a sinecura de capital do paiz. E tudo isso é detestavel pra honradez pesadona dum provinciano que nem eu. No Carnaval do Recife ha uma patria com civilisação propria funcionando, tudo é tipico e tudo incomparavel.

Voltando a esta Paulicéa tão pouco desvairada: o nosso Carnaval não será jamais uma festa de unanimidade social porquê nos falta esse dom de irresponsabilidade, convincente a ponto de arrastar os outros para dentro do nosso prazer.

Depois do entrudo, que tambem imperava aqui, no anno de 1857, conta Antonio Egidio Martins, os paulistanos resolveram fazer um Carnaval tambem. Tres annos depois apparecia já o primeiro bando carnavalesco, os Zuavos, que fizeram uma passeata mascarada pela cidadinha. E r a m comerciantes, funcionarios publicos, os figurões da terra, a nata da neblina, o "High-Life" da saparia gluglú das varzeas do Carmo e do Anhangabaú. Sairam da chacra do comerciante Caetano Ferreira Balthar, na rua da Gloria e passearam pelo centrinho. Tão tristes, tão solenes, tão paulistanos que, segundo um cronista da época, citado pelo dr. Eugenio Egas, "os Zuavos pareciam mais um bando ou cortejo civico do que devotos de Momo em plena folia carnavalesca". Depois voltaram pra chacra e se dansou.

São Paulo muito que se transformou depois... mesmo os Zuavos de agora já são menos solenes, mais alegres e aprenderam a cantar. A propria neblininha mansa, tão familiar, vai desaparecendo, desgostosa com as fabricas e o calor artificial da cidade grande. Nossa psicologia tem se modificado quasi que completamente. Os paulistanos já batem palmas nos teatros. Mas não sei, creio que é o fantasma do comerciante Caetano Ferreira Balthar que, feito uma tiririca daninha, nós ainda não conseguimos arrancar com raiz, dos nossos gestos. E rebrota por toda a parte, na cidade moderna, e agora aventureira e amoral, pesando sobre a gente o seu corpo sem gesto de zuavo de amostra, o fantasma do comerciante Caetano Ferreira Balthar.

MARIO DE ANDRADE

Do film mudo ao film falado

HA mais de tres annos que appareceram em New York os films falados. Em 6 de Agosto de 1926, os irmãos Warner, directores da *Vitagraph C°.*, sentindo ameaçada a prosperidade da firma, lembraram-se de apresentar, de uma forma nova, o film *D. João*, interpretado pelo actor theatral John Barrymore, Dolores Costello e Estelle Taylor.

Conseguiram o intento com a conjuncção de scenas inteiramente dialogadas, gravadas em discos e reproduzidas num auto-falante, collocado atraz da téla, por meio de um amplificador de T. S. F.

A tentativa era interessante. A attração da novidade encheu as salas, mas a idéa não apaixonou muito o publico americano. O processo estava ainda imperfeito.

Os irmãos Warner tinham entretanto a certeza do futuro indiscutivel da invenção. Persistiam corajosamente e fizeram, com o concurso de um celebre cantor de music-hall, Al. Jonson, o famoso film *The Jazz Singer* que foi todo gravado em grandes discos gramophonicos. O conjuncto homogenio; o successo formidavel, definitivo.

No entanto, o *Cantor do Jazz* representava apenas o film *sonoro*; e não o verdadeiro film falado. Mas o passo estava dado e os aperfeiçoamentos não tardariam a se succederem, rapidos, fulminantes. Os technicos da industria cinematographica americana estudaram a questão e os dois systemas actuaes da *cinephonia* (disco e film directamente impresso) foram empregados ao mesmo tempo pelas grandes firmas dos Estados Unidos.

Ha tres annos, a cinematographia franceza prepara-se para a producção de films falados.

Não trataremos da technica do film falado. Os nossos leitores, com certeza, acompanham-lhe as experiencias e os progressos desde os primeiros balbucios. Guardaram na memoria as realizações engenhosas e commercialmente praticas deLouis Gaumont, com o seu notavel synchronismo cinematographico, do qual parece descender o processo americano actual da *Western Electric*. Além disso o seu segundo systema de registro dos sons sobre uma segunda pellicula, *parallela* á pellicula photo-electrica, procede — suppômos — da invenção inicial de de Algustin Lauste. Lauste foi o primeiro que conseguiu imprimir sobre a emulsão sensivel de um film, as vibrações sonoras do microphone, tornadas, graças a um apparelho do qual tirou patente, em 10 de Julho de 1913, *vibrações luminosas*.

Pouco tempo depois, o sabio americano Lel de Forest continuou essas experiencias e conseguiu gravar directamente sobre o proprio film, á margem das figuras cinematographicas, os sons que se produziam. Um dos processos — o mais prometedor e o mais scientifico — do film falado, nascêra.

Examinemos rapidamente cada um dos seus systemas:

Systema de gravação de voz sobre disco. O apparelho de filmagem é de typo commum. Os sons apanhados pelo microphone são conduzidos ao beliche, no qual um "pick-up" de extrema sensibilidade os registra sobre o disco. Todos os apparelhos são fechados em beliches calafetados.

Schema de um apparelho projector munido de dois apparelhos de reproducção sonora. A, fio electrico ligado ao amplificador collocado atraz da téla. C, cellula photo-electrica para a reproducção dos sons registrados photographicamente no film. E, motor que serve para o duplo movimento do film e do disco (P.) — L, lanterna de projecção — M, regulador do andamento do motor. — P, chapa porta-discos. — P' "pick-up" para a reproducção dos sons gravados nos discos. V, fio electrico ligado ao amplificador.

a) A sono-visão por meio de registro de sons sobre discos phonographico conjugado com o film;

b) A sono-visão por meio de registro de sons sobre emulsão sensivel do proprio film.

Para realizar o primeiro, utiliza-se um *studio cuidadosamente* isolado de qualquer barulho exterior por uma calafetagem apropriada. A illuminação electrica em arco, é substituida por uma forte illuminação á incandescencia por filamentos metalicos, que evita o ruido dos carvões voltaicos. O apparelho de filmagem fica fechado num beliche. A objectiva registra as scenas atravez de um vidro isolante, de extrema transparencia. Essa precaução é indispensavel para supprimir na gravação dos sons, o rumor inevitavel das engrenagens do apparelho de preparação do film.

Um microphone ultra-sensivel, no genero dos utilizados pela T. S. F., é collocado diante dos actores. Um circuito electrico liga esse microphone a um beliche, tão calafetado quanto o *studio*, construido a certa distancia delle, no qual fica uma grande placa de gramophone, movida á electricidade e cuidadosamente synchronizada com o mechanismo do apparelho de filmagem. Nessa placa vae um disco sobre o qual um *pick-up* de extrema sensibilidade registra os sons apanhados pelo microphone.

O disco é muito maior do que o disco commum de phonographo e a rotação lenta é calculada para que a sua duração corresponda exactamente á duração de uma bobina de pellicula, cujo tamanho é quasi sempre de 300 metros. Utiliza-se assim um disco por bobina (ou parte de film) o que simplifica consideravelmente o trabalho de projecção.

Como se faz a projecção? E' muito facil: no beliche do operador montam um porta-discos, conjugado com o mechanismo que movimenta o film e pousado no proprio motor electrico do poste projector.

Um *pick-up* restitue, por meio de uma estação de amplificação radiophonica, o fi- cou gravado e que um auto-falante por traz da téla transmitte á sala de espectaculo.

Uma difficuldade compromettia a singeleza do processo: todos sabem que o som caminha mais lentamente do que a luz. Na realização dos films falados, precisaram scientificamente a differença que existe entre as velocidades particulares do som e da luz e resolveram, por uma operação mathematica, que: *os sons sejam registrados, pelo menos, vinte quadros antes daquelle ao qual elles pertencem*.

O operador de projecção tem apenas que descer a agulha do diaphragma phonographico sobre o indix especial gravado no disco, tendo anteriormente collocado no projector, em frente ao signal gravado sobre este, um outro signal impresso no film. Por em se-

Dispositivo de reproducção por disco. O disco está collocado sobre uma chapa na parte inferior do apparelho: o "pick-up" reproduz os sons. Um motor (U) movimenta synchronicamente o disco e a pellicula, por meio de uma engrenagem (E).

Dispositivo da reproducção de registro sonoro sobre film. A pellicula descendo do projector A, onde se vê atravez da janella B, o mechanismo de movimento do film, passa num quadro C, no qual é illuminada pela lampada E que impressiona a cellula photo-electrica E e volta ao deposito levada pela engrenagem D. Em G os amplificadores.

guida, o motor em movimento: o synchronismo produz-se automaticamente.

Para controlar os sons, o operador tem á sua disposição, no beliche, um pequeno auto-falante ligado directamente ao da téla. Essa precaução permitte-lhe seguir do seu posto tudo o que o publico ouve na sala.

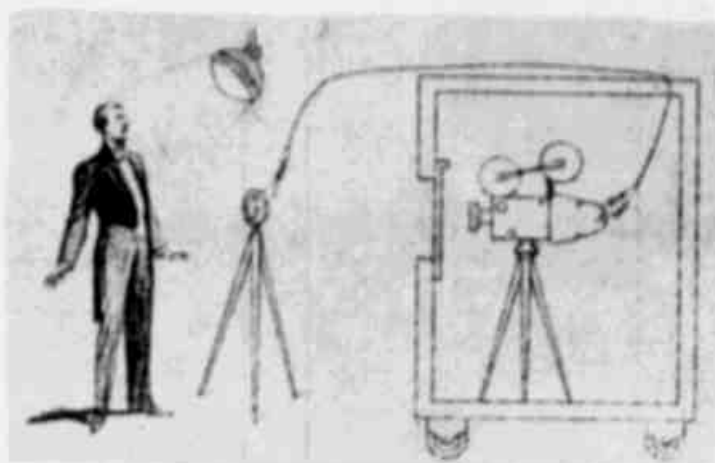
E eis o systema — tão simples — da synchronização sonora por *disco* e *film independentes, conjugados*.

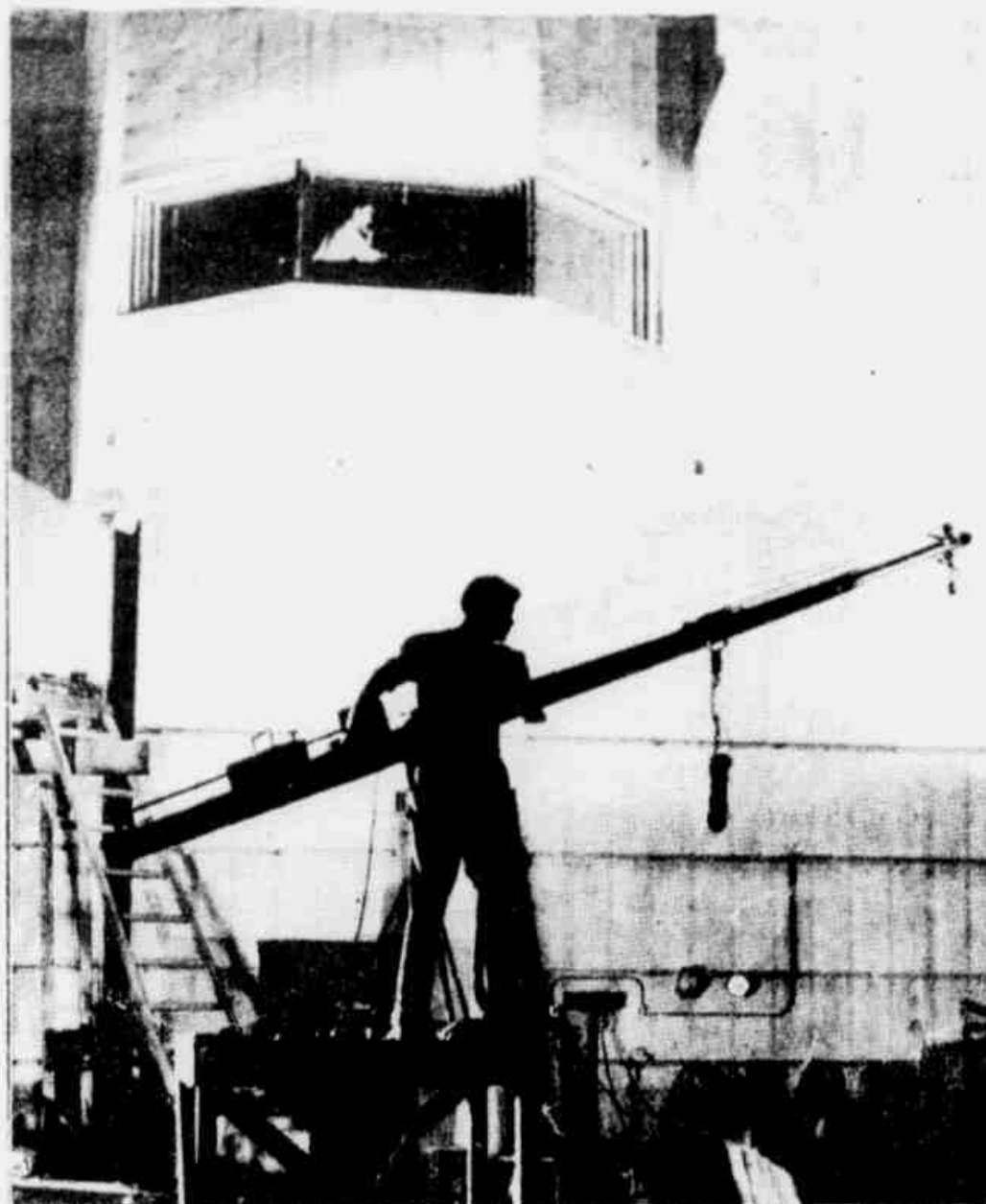
O segundo systema, o da gravação dos sons e das palavras, *sobre a propria pellicula*, á margem dos quadros do film. E' muito mais pratico e a manipulação ainda mais simples.

A gravação é realizada quasi da mesma maneira que a do disco, com a differença que o microphone é ligado não mais como beliche gramophonico, mas com o apparelho de filmagem.

Esse apparelho, de construcção especial, é provido de uma cellula photo-electrica, que transforma as vibrações sonoras (enviadas pelo microphone) em vibrações luminosas, que a emulsão sensivel do film registra, em resteas luminosas, sobrepostas e de intensidade photogenica variavel, na margem estreita, reservada entre os quadros cinematographicos e uma das perfurações lateraes que servem para o andamento da pellicula.

Imagens e sons são assim gravados conjunctamente num *unico film*, de tamanho commum. Tambem ahi as velocidades do som e da luz estão previstas mathematicamente e reguladas de forma mechanica na concepção do apparelho.

A tiragem das copias positivas do negativo (copias para a projecção) é pouco mais ou menos igual a dos films mudos. Percebe-se a grande simplicidade de manipulação de um film desse systema. A projecção ainda é mais facil do que no caso de gravação em disco. Não ha desdobramento.

Systema de gravação de voz e de ruidos pelo processo photo-electrico. Vê-se, atraz do apparelho de filmagem, a forma de impressão directa dos sons sobre o film.

No poste de projecção é montada, a certa distancia do objectivo, uma cellula photo-electrica que o film atravessa, ao sahir do mechanismo habitual de rotação. Nessa cellula se encontram: uma lampada electrica de intensidade media e uma lampada especial, no genero da lampada inventada por Lee de Forest. O film passa entre as duas lampadas.

As vibrações luminosas registradas photographicamente sobre a margem especial da pellicula são illuminadas pela ampoula commum e vêm agir sobre a lampada photo-electrica que as transforma em vibrações sonoras. Essas vibrações atravessam um amplificador e são conduzidas electricamente ao auto-falante collocado atraz da téla. A manipulação de um film desse systema, não é mais complicada para o operador de projecção do que um film commum, pois tudo se passa mechanicamente, *automaticamente*.

Como para o disco, o operador tem á sua disposição, no beliche, um *auto-falante controlador*.

Os ultimos apparelhos de *sono-projecção* construidos permittem utilizar os dois systemas de synchronização sonora. Um cinema possuindo um ou dois desses postes, que occupam o mesmo espaço dos postes communs, póde passar, alternativamente, durante a mesma sessão e sem nenhuma transformação, dos films falados, synchronizados por disco, aos films com registro sonoro na propria pellicula.

Qual será o futuro do film falado? Ninguem póde predizel-o. Destronará o theatro? Ou lhe dará de novo a voga que parece ter perdido no nosso seculo? E' um problema ainda difficil de resolver. Contentemo-nos de constatar, nessa forma de espectaculo, uma das mais maravilhosas e perturbadoras invenções, cuja utilização scientifica não é menor, ao nosso ver, que a utilização recreativa. Em todo caso é indiscutivel que nos conduzirá ao proximo prodigio sahido da imaginação humana: *a telephonovisão*. Mas isto será no futuro... Evitemos as previsões antecipadas!

Num studio dos Estados Unidos. Ao alto, isolado no beliche de janellas envidraçadas, feitas com a superposição de cinco vidros, o "controlador do som"; em baixo, o electricista arruma no logar o microphone registrador. Note-se o acolchoamento de todas as paredes.

ALVARUS

Marques Rebello

. . . . UM RAPAZ COMPLICADISSIMO...

DEPOIS do ajantarado, esticado na cama, farto da peixada com que D. Lola brindava, dominicalmente, seus hospedes, seus olhos foram se pregar no quadro em trichromia. Então o quadro foi ficando grande, grande, cada vez maior e a movimentar-se, e a mudar de côres. A moça de azul ficou encarnada, atirou fóra as cerejas e veio sahindo do quadro.

— Dá licença? — Desceu uma escada que não existia e começou a andar pelo quarto, gesticulando, exaltada. O quarto ahi tambem não era mais o quarto. Era a sala da casa della, com o "abat-jour" de gaze verde cahindo em pontas, o retrato do moço amigo da familia, que morreu de typho, dormindo no aparador. o papel vermelho, que já não forrava mais nada, se esbeiçando pelos cantos. Só o relogio, engraçado, era differente: um relogio sem tic-tac, sem ponteiros, sem pendulo. Mas a voz da vizinha era a mesma e cantava.

Ella queria, queria, queria. Batia com o pé: eu vou!

Foi que elle comprehendeu: era a scena da vespera, do sabbado. O vestido vermelho — ella dentro, nervosa — movia-se para todas as direcções; multiplicava-se, occupava toda a sala como se não fosse um, mas cem, mil, um milhão de vestidos vermelhos e impacientes a exigir uma cousa quasi impossivel, a gritar que queria, que queria!

— E' isto mesmo. Se não quizer, melhor.

Quiz. — Vae. Ella foi. Elle ficou só na sala. Na sala não, no quarto que era quarto outra vez, com tudo nos seus logares: o quadro na parede, com a moça de azul sorrindo para as cerejas, o lavatorio de metal e o espelho ferrugento, manchado. Só a sombra do cabide tinha mudado do chão porque o sol andára um bocadinho. Foi quando elle sentiu, pela primeira vez, com uma certeza absoluta, a inferioridade patente da sua vontade, ante as investidas. Sentira-se fraco para arcar com a violencia de uma negativa. Sentira-se forte para contrariar-se e satisfazel-a. Forte? Teve, então, num repente de tristeza sem limites a cinematização nitida, sem pontos obscuros nem duvidas, daquella vida que seria, dagora em diante, a sua vida. Sorria para a vida futura, de dentro da sua tristeza resignada, com a mesma sinceridade que sorrira sempre, de dentro da sua alegria, para os homens que o cercavam.

* * *

Lá longe era o panorama de sempre: um scenario que elle creara e que haveria de ser, sem mudar, o scenario do seu interior. A comprehensão das cousas futuras não o deixava alarmado. Resolvia tudo miraculosamente bem. Não haveria tropeços que não conseguisse burlar com a simples perspectiva da sua felicidade. Depois elle fazia por acreditar que haveria uma paz inevitavel naquellas vidas pequenas das quaes elle já se sentia o creador, o Jehovah louro e caixa d'oculos, sem nada de divino, que burguezmente se contaminava com todos os conductores dos bondes, com todas as mesinhas de café e com todas as necessidades da vida commum.

(*Termina no fim do numero*)

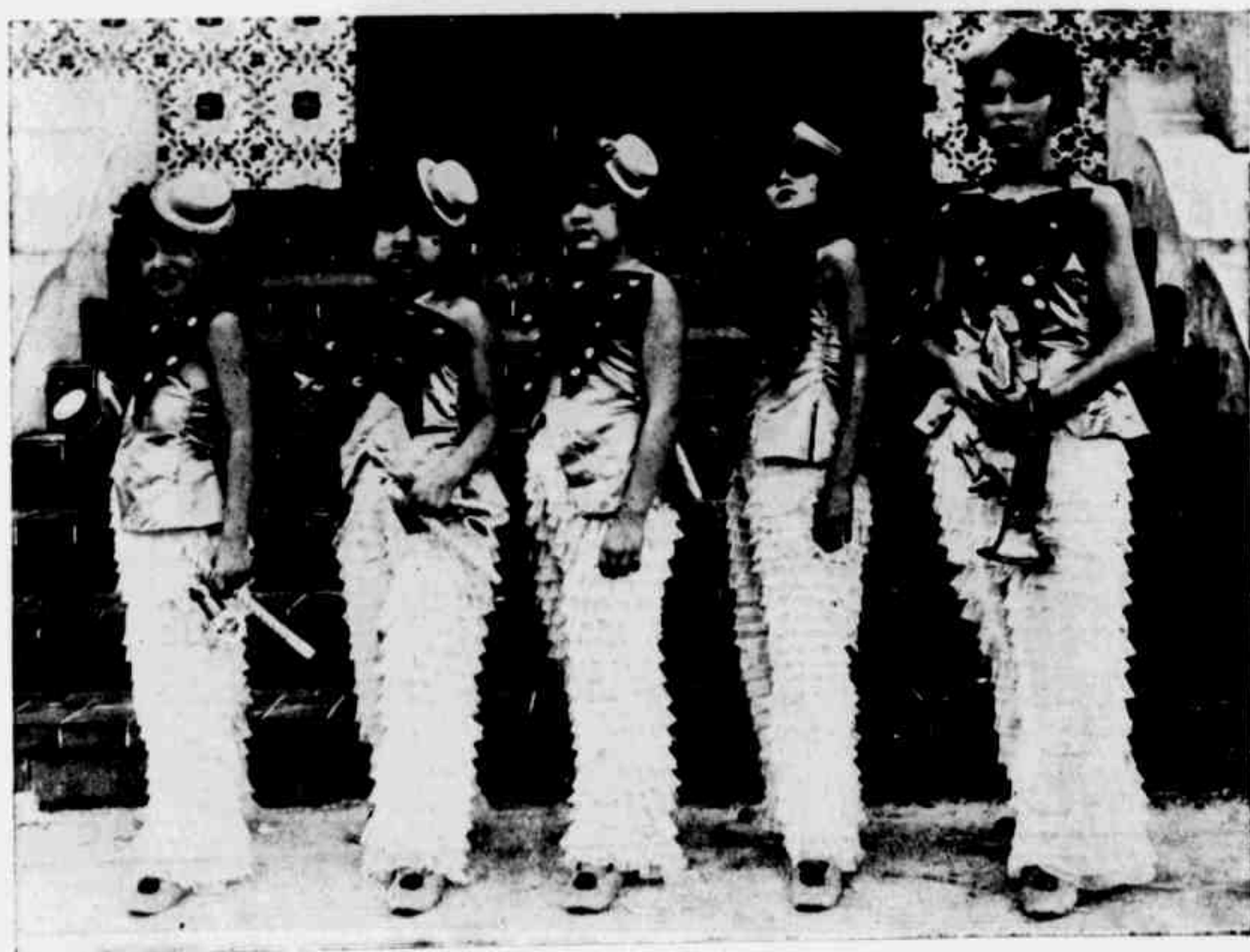
Do Carnaval que passou

Aspectos do baile do America Football Club. — Baile no Hotel de Londres. — No Club de Regatas Botafogo. — No Centro Mattogrossense. — Dois automoveis no corso de terça-feira gorda. — Cinco hollandezas no Bairro dos cinemas.

Baile na Rio de Janeiro Athletic Association

Segunda-feira de noite,
quando os ranchos andavam na cidade.

Bailes infantis

Gente grande brinca de noite, gente pequena brinca de dia. E foi de dia que as meninas e os meninos do Club de Regatas Flamengo e do Botafogo Football Club fizeram o seu carnaval dansado.

Carnaval na rua

Automoveis nos corsos de domingo, segunda e terça da semana bôa.

GUIGNOL

Anatole France queria bem ás creanças e guardou toda a vida um pouco da sua sensibilidade infantil. E' delle este Guignol que Pierre Lissac illustrou e "Para todos"... se desculpa de traduzir.

HONTEM levei Suzanna ao Guignol. Divertimo-nos muito; é um theatro ao alcance do nosso espirito. Se eu fosse autor dramatico, escreveria para os fantoches.

O theatro como o entendem as pessoas grandes é uma coisa muito complicada para mim. Não percebo nada das intrigas bem urdidas. Toda a minha arte consistiria em descrever as paixões e eu escolheria as paixões mais simples. Coisas que não valeram nada para o Gymnase, o Vaudeville ou a Comédie, mas que seriam excellentes para o Guignol.

Ah! no Guignol as paixões são simples e fortes. O bastão é o instrumento commum. Na verdade o bastão tem um grande poder de comicidade. A peça recebe desse agente, um vigor admiravel; precipita-se para o "grande estardalhaço final" E' assim que os Lyonnenses, inventores do typo de Guignol, desenham a complicação geral que termina todas as peças do repertorio. O "grande estardalhaço" é fatal. Seja o 10 de Agosto, o 9 Thermidor ou Waterloo.

Pois eu hontem fui com Suzanna ao Guignol. A peça que nós assistimos pecca, sem duvida, em algumas passagens; mas não póde deixar de agradar a um espirito meditativo, pois dá muito que pensar. Pelo que comprehendi, é philosophica; os caracteres são verdadeiros e a acção é forte. Vou contal-a como a interpretei.

Quando o panno se levantou, appareceu Guignol. Reconheci-o; era elle mesmo. O rosto largo e calmo conservava as marcas de antigas pancadas de bastão, que lhe amassaram o nariz, sem alterar a amavel ingenuidade do olhar e do sorriso.

Não trazia nem o camisão de sarja nem o gorro de algodão que, em 1815, na alameda dos Brotteaux, os Lyonnenses não podiam olhar sem rir. Mas, se qualquer sobrevivente daquelles meninos que viram, juntos, nas margens do Rhône, Guignol e Napoleão, antes de morrer de velhice, viesse se sentar comnosco, hontem, nos Campos Elysios, teria reconhecido a famosa "barbica" da querida marionetta, e o pequeno rabicho que se agita alegremente sobre a nuca de Guignol. O resto do costume, casaca verde e bicornia preto, é da velha tradicção parisiense, que faz de Guignol uma especie de creado.

Guignol olhou-nos com os grandes olhos e fiquei logo seduzido pelo seu ar de candura descarada e a visivel simplicidade daquella alma que dá ao vicio uma certa innocencia. Pela alma e pela expressão, era bem o Guignol que o bom senhor Mourguet, de Lyon, animou com tanta fantasia.

O nosso Guignol nada disséra ainda, o pequeno rabicho agitava-se sobre a nuca. Rimos. Gringalet, seu filho, veio juntar-se a elle e deu-lhe uma formidavel cabeçada na barriga, com graça natural. O publico não se aborreceu: ao contrario, rebentou em gargalhadas. Um tal começo é o cumulo da arte. Se não sabem porque a audacia agradou dou tanto, vou-lhes explicar: Guignol é creado e usa casaca. Gringalet, seu filho, usa blusa; não serve a ninguem e não serve para nada. Essa superioridade permitte-lhe bater no pae sem faltar ás conveniencias.

Foi o que Suzanna sentiu perfeitamente e a sua amizade por Gringalet não diminuiu. Gringalet é, com effeito, um personagem sympathico. Delgado e pequeno tem um espirito farto em recursos. E' quem esbordoa o soldado.

Aos seis annos Suzanna já tem opinião formada sobre os agentes da autoridade; é contra elles e ri quando Pandoro apanha de bastão. Ella faz mal. Entretanto, confesso que, me desagradaria si pensasse de outro modo. Acho que, em todas as idades devemos ser um pouco revoltosos.

Assistimos a uma discussão entre Guignol e Gringalet. Suzanna dá razão a Gringalet. Eu dou razão a Guignol. Escutem e julguem: Guignol e Gringalet caminharam para attingir uma aldeia mysteriosa, que só elles descobriram e onde corriam, em multidão, os homens ousados e ambiciosos se elles a conhecessem. Mas essa aldeia é mais

occulta do que foi, durante cem annos, o Castello da Bella Adormecida no Bosque.

Nella ha qualquer encantamento, é habitada por um feiticeiro que reserva um thesouro áquelle que sahiu victorioso em varias provas, cuja idéa basta para arrepiar de medo.

Os nossos dois viajantes chegaram á região encantada com disposições bem diversas. Guignol está cansado; vae se deitar. O filho reprova-lhe a molleza.

— E' assim, diz Gringalet para o pae, que nos apossaremos dos thesouros que viemos procurar?

E Guignol responde:

— Ha algum thesouro que valha o somno?

Gosto da resposta. Vejo em Guignol um sabio que conhece a vaidade das coisas e aspira o repouso como unico bem, depois das agitações culpaveis ou esteries da vida. Suzanna acha-o um estupido que dorme em occasiões inopportunas e perderá, por culpa propria, os bens que desejava, talvez grandes bens: fitas, dôces, flores. Ella elogia Gringalet pelo esforço para conquistar os thesouros magnificos.

(*Termina no fim do numero*)

Os Tamanquinhos de Lisieux

Photographia tirada em Janeiro de **1889**. *Therezinha, noviça, aos 16 annos, no jardim claustral do Carmelo. A expressão da sua physionomia é de uma ingenua e perfeita felicidade. Tinha realizado o seu sonho.*

DIANTE das reliquias de Santa Therezinha do Menino Jesus, no Carmelo de Lisieux, sinto-me transportado áquella scena entre Leão XIII e a menina de quinze annos, de cabellos louros e delicado rosto seraphico:

— Pai Santissimo, tenho uma grande graça a pedir-vos!

O episodio é contado por ella propria na "Historia de uma alma". O Papa recebia em audiencia a familia Martin, o velho veneravel, as duas filhas carmelitas e M a r i a-Francisca-Thereza, palpitante de um projecto audacioso... (Ella pedira licença para entrar no Carmelo com 15 annos de idade, mas as autoridades ecclesiasticas n ã o queriam concedel-a.)

Cada peregrino devia ajoelhar-se aos pés do Summo Pontifice, beijal-os, depois beijar-lhe as mãos. O velho Martin, humildemente, fez o acto de respeito: o Vigario Geral de Bayeux apresentara-o a Sua Santidade como pai das duas carmelitas. E passou, advertido pelos dois guardas-nobres de que devia ceder o logar ao peregrino seguinte. Quando chegou a vez de Thereza, ella bem sabia que, segundo a palavra de ordem, ninguem devia falar ao Summo Pontifice. Não importa, seu coração palpitava de impetos...

— Pai Santissimo — exclama com os olhos cheios de lagrimas — tenho uma grande graça a pedir-vos!

Leão XIII baixou a cabeça para ouvir aquella criança de cabellos louros que candidamente se exprimia assim, tremula de commoção.

— Pai Santissimo, permitti que eu entre no Carmelo com quinze annos!

O Vigario Geral de Bayeux; ao lado de Sua Santidade, teve um gesto de contrariedade dissimulada e explicou ao Papa: — Pai Santissimo, é uma criança que deseja a vida carmelitana; porém os superiores neste momento estão examinando a questão.

Leão XIII negou á criança adoravel a graça pedida:

— Bem, minha filha, faça o que os superiores decidirem.

Santa Therezinha juntou as mãos em supplica, apoiou-as sobre os joelhos do Papa e insistiu desesperadamente:

— Pai Santissimo, si disserdes um *sim*, toda gente dirá *sim!*

Leão XIII olhou-a fixamente e pronunciou, "apoiando sobre cada syllaba com um tom penetrante":

— Vamos... Vamos... você entrará si Deus quizer.

Santa Therezinha estava cheia de um mystico ardor. Ia falar mais, ia insistir—advogada ingenua da sua vocação divina. Porém os dois guardas-nobres se tinham approximado, convidavam-n'a a partir... Ella continuou em pranto aos pés do Papa, com as mãos tocando os joelhos de Sua Santidade, como para infiltrar-lhe a inspiração misericordiosa, o *sim* a que as autoridades do Carmelo se curvariam. O Vigario Geral de Bayeux, tomou-a pelas mãos, os guardas-nobres seguraram-n'a tambem. (Deviam ter sentido que ella era leve como um passarinho naquelle instante, possuida que já estava de uma graça maior.) Santa Therezinha partiu... Ella desejava ser" o brinquedo do Menino Jesus" e os homens

não queriam. Devia esperar ainda... Esta passagem da "Historia de uma alma", relembro-a diante dos instrumentos de penitencia que magoaram sua carne pura: os cilicios, a disciplina, o bracelete de ferro, a cruz.

Aqui estão outras tocantes lembranças da sua vida piedosa e breve: o vestidinho com que foi baptisada; o vestidinho, com uma faixa de seda côr de rosa, com que atirava flores nas procissões de Corpus Christi; o vestidinho da primeira communhão, ainda com o rosario que seus dedos desfolharam então; e os habitos religiosos... O burel severo, o manto branco, os véos, a corôa de rosas que tocaram sua cabeça graciosa no dia em que professou...

Commovem-me, principalmente, os cabellos louros. Não teria coragem de passar as mãos por elles; seria profana a minha caricia. Estão ainda enfeitados de lyrios, os lyrios do dia em que ella tomou o habito.

Demoro-me a olhar a cadeira rustica, de assento de palha grosseira, junto á mesinha de pintura. Ali está a palheta de que a santa se servia para colorir imagens.

Os pinceis, ha muito tempo seccos, parecem esperar os dedos da Santa, os dedos que nunca se cansavam de servir a Deus na pratica dos actos modestos. Junto á mesa está um quadrinho (representa Jesus Christo), o primeiro trabalho

Therezinha, com 8 annos, atirando flores na procissão de Corpus Christi, nas ruas de Lisieux. O vestido com que ella tomava parte nessa solennidade religiosa está piedosamente conservado entre as demais reliquias da Santa.

Therezinha, aos 15 annos, pedindo ao Papa Leão XIII que lhe permittisse entrar para o Carmelo antes dos 21... (Quadro de Celina, irmã da Santa, que assistiu á scena.)

de Therezinha, quando se dedicou á pintura de télas para ganhar esmolas em beneficio do Convento. (Fazer versos não rendia nada e as carmelitas de Lisieux viviam pobremente.)

Santa Therezinha, entretanto, não trabalhava só com a penna lyrica e a palheta utilitaria. Ali está o agulheiro, o porta-alfinetes, as tesouras. Punha remendos pudicos nos habitos carmelitanos; e quando os pulmões ficaram doentes, impedindo-a do maior esforço, tecia corôas de flores.

"Bem sabes, ó meus Deus, que para
[amar-te na terra
Não tenho senão o dia de hoje!"

A hora breve estava no fim. E quando se arrastava pela cella, Therezinha do Menino Jesus calçava aquellas alpargatas, das que ali estão, vazias agora, para sempre...

Fico olhando, longo tempo, as alpargatas. Imagino os frageis pés da Santa pesando um quasi náda na solla de corda. Ao lado, os tamanquinhos de pau, com que ella descia ao jardim, estão tambem vazios. Parecem esperar um presente do Papae Noel. Atravez da grade de ferro, que me separa de todas essas reliquias, ainda animadas dos ultimos contactos da Santa, lanço um beijo para os tamaquinhos.

Um anjo um dia virá roubal-os e voará com elles para o Paraizo.

RIBEIRO COUTO

CARNAVAL

Serviço especial feito com pharóes para "Para todos..."

O baile do Botafogo Football Club

Carnaval

BAILE

A

FANTASIA

NO

BOTAFOGO FOOTBALL CLUB

Photos "Para todos..."

por Lafayette

Uma festa bonita e elegantissima

NO
BOTAFOGO
FOOTBALL
CLUB

Photographias de Lafayette, especiaes para "Para todos..."

BAILE DO BOTAFOGO FOOTBALL CLUB

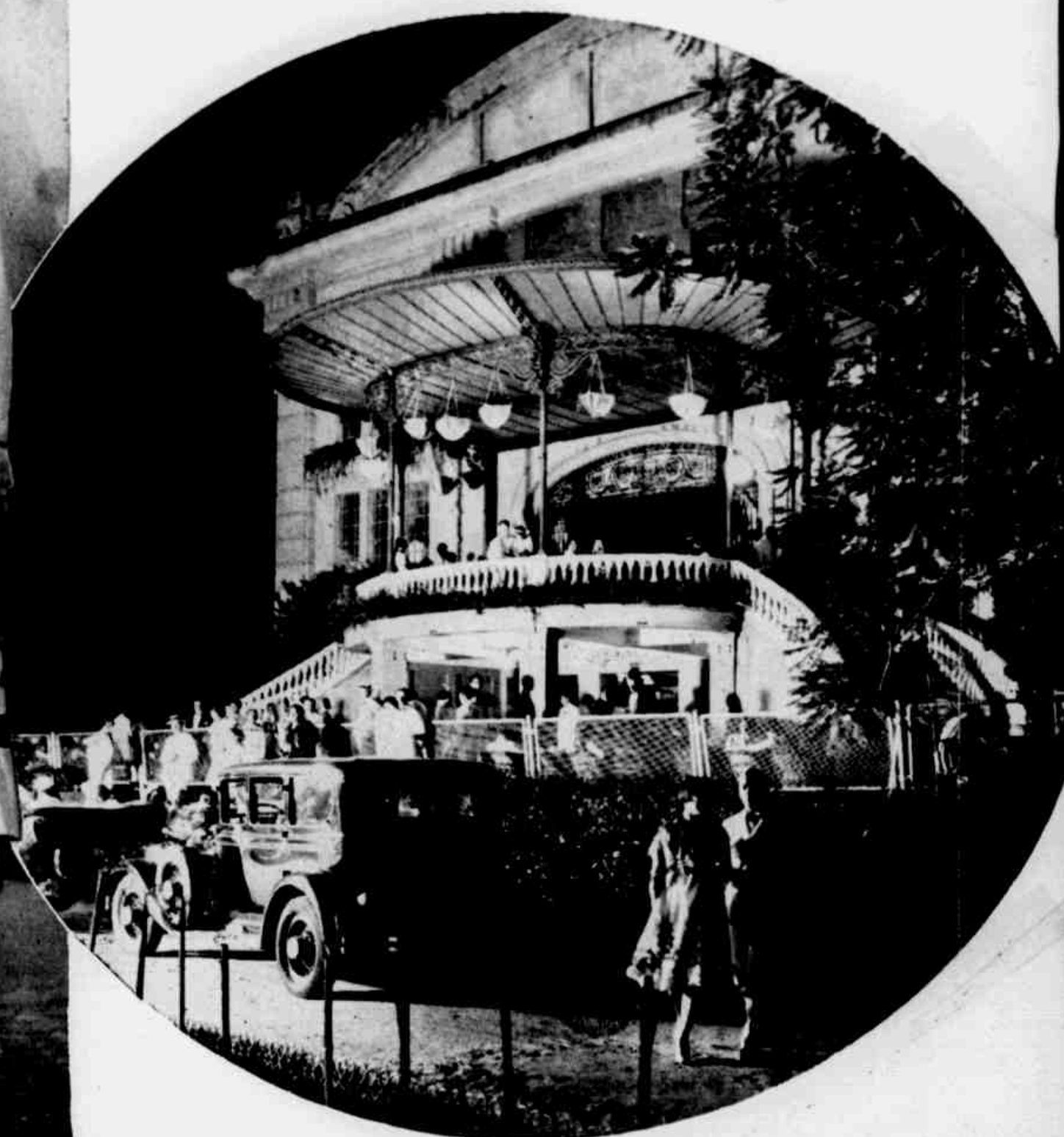
CARNAVAL

O BAILE DO FLUMINENSE F. B. CLUB

Reportagem photographica feita especialmente para a nossa revista

"PARA
TODOS..."
FOI
AO
BAILE
DO
FLUMINENSE
FOOTBALL
CLUB

E
TROUXE
DE
LA'
ESTAS
LEM-
BRAN-
ÇAS
LIN-
DAS
DO
CAR-
NA-
VAL

UM GRUPO DE CIGANOS E CIGANAS, FANTASIAS, A ENTRADA DO BAILE

PHO-
TO-
GRA-
PHIAS
OBTI-
DAS
SEM
MAGNE-
SIO,
POR
LUZ
DE
PHA-
RÓES

NO

BAILE

DO

FLUMINENSE

FOOTBALL

CLUB

ALBERTO SUÁREZ

TRADUCÇÃO DE ANELEH

A VINGANÇA

DESENHO DE J. CARLOS

LUIZ calou-se.

Depois, fitando em mim, seus olhos ironicos, accrescentou:

Creio que agora não terás coragem de me negar o que te peço. Prometto restituir-te a importancia logo que o possa.

Duvidei um pouco. Parecia-me absurdo que, cada vez que o meu amigo Luiz tinha uma aventura, fosse eu o escolhido para lhe facilitar o dinheiro que precisava.

Depois procurei ficar serio, afim de evitar que me envolvesse no incenso do seu agradecimento, que sempre acabava com as mesmas palavras:

— Ora, estou quasi dizendo que tu és meu socio em todas as minhas aventuras.

— Olha, Luiz — disse-lhe por esta vez que é a ultima, cêdo e te empresto este dinheiro, mas, para a proxima vez irás pedil-o a outro, pois as tuas novidades não me agradam.

Elle, rindo-se, segurou as notas no ar.

— Mas tu não sabes como é *estupendo* isso de conquistar as mulheres alheias! A minha especialidade são as casadas, porque quasi não nos incommodam, e como têm quem as calça e veste, nada nos pedem. Para que te convenças da qualidade das minhas aventuras, convido-te a ires esta tarde ao "Café da Inglaterra", e ali verás o meu caso. Depois, dando-me uma forte palmada no hombro, afastou-se com um riso de triumpho.

Quando se retirou, fiquei indignado com a fraqueza que eu sempre revelava ante os constantes pedidos de dinheiro que Luiz me fazia.

Havia um fundo de inveja na minha indignação, por vêr que as suas aventuras galantes se succediam ameude, com excessiva frequencia.

Elle devia ter uma arte especial para as seduzir, pois não era nenhum Apollo, e estava muito longe de o ser.

Quando entrei no escriptorio, trazia uma idéa para me vingar de Luiz.

Vinha buscar a cumplicidade dos meus companheiros de trabalho, para juntos surprehendel-o no seu amoroso colloquio, á hora em que me disséra que eu poderia conhecer a dama para a qual eu lhe emprestára dinheiro.

Eu esfregava as mãos, pensando na cara que elle faria, quando fizessemos a nossa entrada no café.

Naturalmente, depois não lhe ficaria vontade de tornar a falar-me das suas aventuras e muito menos, de tornar a incommodar-me com os seus pedidos. Chamei os meus companheiros e lhes expuz a minha idéa. Todos a acolheram com jubilo. Cada um expoz o seu plano.

Esperámos impacientes a hora da sahida, te o effeito que aquillo produziria em Luiz. entretendo-nos em saborear antecipadamen- Nós já o imaginavamos, com um gseto de contrariedade, ao vêr-nos entrar todos no café.

Depois, fingiriamos que estavamos surprehendidos ao encontral-o, ali, em companhia de uma mulher que não era a sua. Riamonos, pensando na cara que faria a dama, quando visse que tudo aquillo tinha sido premeditado.

Os seus creditos como D. Juan galante e discreto iam soffrer um rude golpe.

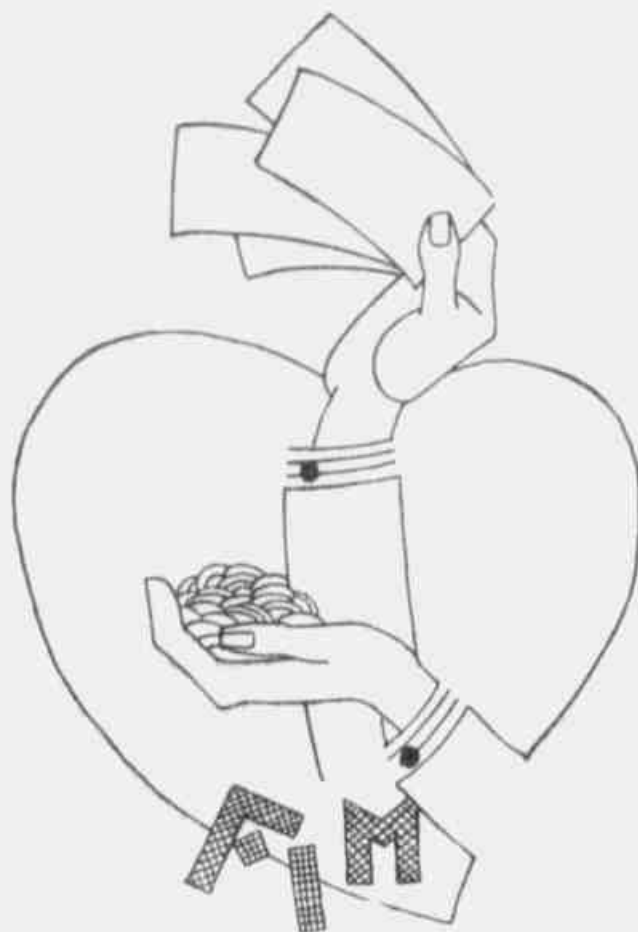
Depois, certamente nos exigiria uma explicação do nosso procedimento, ao vêr como perdia uma das suas conquistas que, conforme me disséra, era um dos seus melhores triumphos na sua carreira de moderno Casanova.

Todos nós o censuravamos, invejando-o no fundo.

Ao principio, quando nos contava as suas aventuras, nós o ouviamos indifferentes, attribuindo esses successos á sua excessiva fantasia.

Depois, nós o tinhamos visto furtivamente com varias mulheres, algumas de belleza bastante discreta.

Tinhamos chegado a crêr friamente nelle quando nos relatava uma nova aventura, o que lhe succedia todos os mezes.

FIM

Ante esse desfile de conquistas, a nossa admiração nos fazia com que o interrogassemos como fazia para se vêr livre dellas.

O caminho que separava o escriptorio, onde trabalhavamos, do café, onde haviamos de encontrar Luiz, não era longo, e depressa andámos, conversando alegremente sobre o incidente.

Annibal, um dos meus companheiros, poz-se a dizer:

— Parece impossivel que existam maridos tão cégos que depositem tanta confiança em suas esposas! Eu, si algum dia me casar, terei o cuidado de vigiar constantemente a minha mulher.

Como casado, julguei-me no direito de intervir.

— Não, Annibal; não devemos pensar assim. Pelo facto de haver 10, 20 mulheres entre 100 que enganem os seus maridos, não podemos deixar de respeitar as outras que não são assim.

Que direito eu tenho de desconfiar de minha mulher, só pelo motivo de saber que Luiz tem um *rendez-vous* com uma mulher casada? Desengana-te, Annibal, todos nós sabemos o que temos em casa, pouco mais ou menos. Eu tenho confiança em minha mulher, porque a conheço muito bem, e sei que não seria capaz de enganar-me. Quando uma mulher faz isso, é porque não ama o marido.

Tinhamos chegado ao café.

Quiz ser o ultimo a entrar, para poder vêr em toda a sua indignação o rosto de Luiz.

Vi todos os meus companheiros avançarem para um determinado sitio. Quiz-me fazer de distrahido, e de repente os meus olhos encontraram o casal que procuravamos. Olhei. Senti que as minhas pernas cediam e que eu ia cahir. Deante dos meus olhos, Luiz conversava amorosamente com a minha mulher

C A R N A V A L

No baile do Gremio Onze de Junho

No baile infantil do Club dos Bandeirantes

No baile infantil do Club Naval

Saudade

DESENHO
DE
DI CAVALCANTI

O Anel da Rainha

Por

IRACEMA GUIMARÃES VILLELA

A Inglaterra é o paiz das tradições. Ha pouco um particular que, como todo o genuino inglez, tem o culto das recordações interessantes, deu dois mil e oitocentos dollares pelo famoso anel que Isabel, filha de Henrique oitavo e Anna Bolena, offereceu ao seu apaixonado o Conde de Essex. As rainhas assim como as simples burguezas, são sujeitas, ás vezes, a inspirar e a sentir paixões violentas que as desgraçam para sempre. A historia narra algumas, desvendando verdadeiros dramas que abalaram os muros dos palacios. Isabel d'Inglaterra, a feroz inimiga dos catholicos, a impiedosa mulher que se escudou sob a purpura sumptuosa do manto, para, tyrannicamente, alem de outros crimes hediondos, fazer morrer a sua linda rival Maria Stuart, não escapou tambem á lei soberana do amor. Maria era sua rival pelo prestigio da belleza e do saber, fazendo-a fervilhar de inveja e de rancor; por sentil-a mais poderosa na sua impotencia do que ella em todo o esplendor que o sceptro lhe concedia. E não querendo, ou talvez não conseguindo esmagar o reptil venenoso que lhe sugava a tranquillidade, commetteu mais essa infamia, que, até hoje, depois de tres seculos, pezando como uma lápide funeraria sobre a sua memoria, nos enche de pasmo e de horror! Sem remorsos, sem attender a supplicas de ninguem, a feroz soberana fez desapparecer a mulher mais formosa do seu tempo, aquella meiga e sentimental rainha da Escossia, que tantas lagrimas derramava ao abandonar o seu lindo paiz que a comprehendia e amava, pela rigidez desoladora da soberba Inglaterra. Isabel, a insensivel, a cruel, que as mulheres odiavam e os homens temiam, cujo auctoritario protestantismo a fez commetter crimes infames, teve tambem as suas horas de amor, embora curtas e agitadas. Entre os seus appaixonados o Conde de Essex, foi talvez o que mais a impressionou. O seu correctismo de cortezão, o seu amor-proprio, a sua figura aristocratica e desdenhosa, fizeram-na devancar. A mulher de temperamento duro e palavras inflexiveis, sorriu enternecida. O seu peito estremeceu, o rubor tingiu-lhe de tintas mais fortes o rosto severo; a sua mão habituada a lavrar sentenças de morte, ergueu-se para o Conde num movimento apaixonado.

Essex foi durante algum tempo o favorito predilecto da soberana. A sua radiosa estrella que parecia nunca dever perder o fulgor, produziu invejas, rancores, ancias tumultuosas de vinganças... A sua posição excepcional na côrte, atiçava de raiva os que pretendiam a rainha, desesperando ao mesmo tempo as damas que por elle suspiravam.

Nessa occasião Isabel deu-lhe o famoso anel, que, agora por acaso interessante, voltou a fazer parte dos thesouros dos reis de Inglaterra, recommendando-lhe de lh'o devolver, mesmo sem o acompanhar de nenhuma carta ou bilhete, caso algum dia elle se achasse em perigo.

— "Basta que eu o veja — accrescentou para soccorrel-o immediatamente. Os annos, porém, foram passando, e a rainha, voluvel como algumas mulheres e enigmatica como quasi todas, cançou-se um dia da assiduidade do Conde e fel-o viajar para longe.

Elle partiu resignado e calmo, porque o anel que nunca tirava do dedo, lhe serviria de talisman. Se não lhe tornasse a dar o amor de Elisabeth, lhe traria ao menos o seu perdão.

Ella lhe prometteu que ao recebel-o, todo o seu resentimento contra elle se esvoaçaria como uma fumaça perante a chamma commovente da recordação.

Mas com as traições politicas, as intrigas, as ciladas de toda a especie, Essex foi condemnado á morte.

E a rainha soffreu a terrivel desventura, alguns dias depois delle ter subido ao catafalco, de ouvir a sua mais intima amiga, a Condessa de Nottingham confessar-lhe na agonia que Essex lhe confiara o anel para o entregar á rainha, numa derradeira supplica, mas ella se recusara a fazel-o por ciumes, porque amava tambem o Conde e não era por elle amada!...

O desespero da rainha era medonho. Roida de saudades e de remorsos, arrancou os cabellos, desvairada, declarando aos gritos:

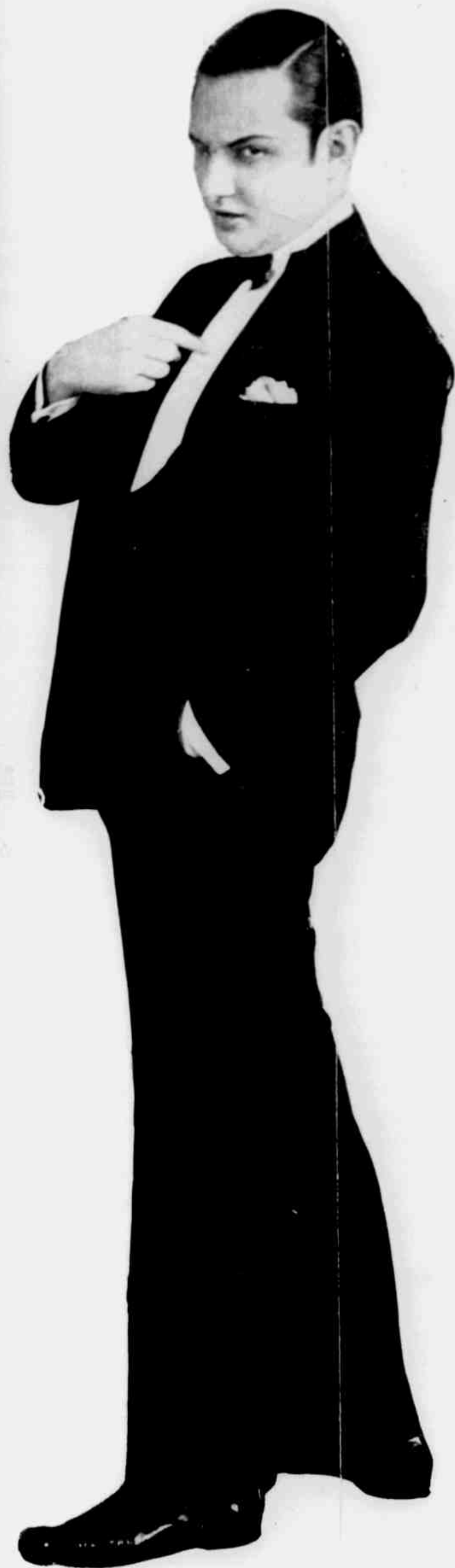
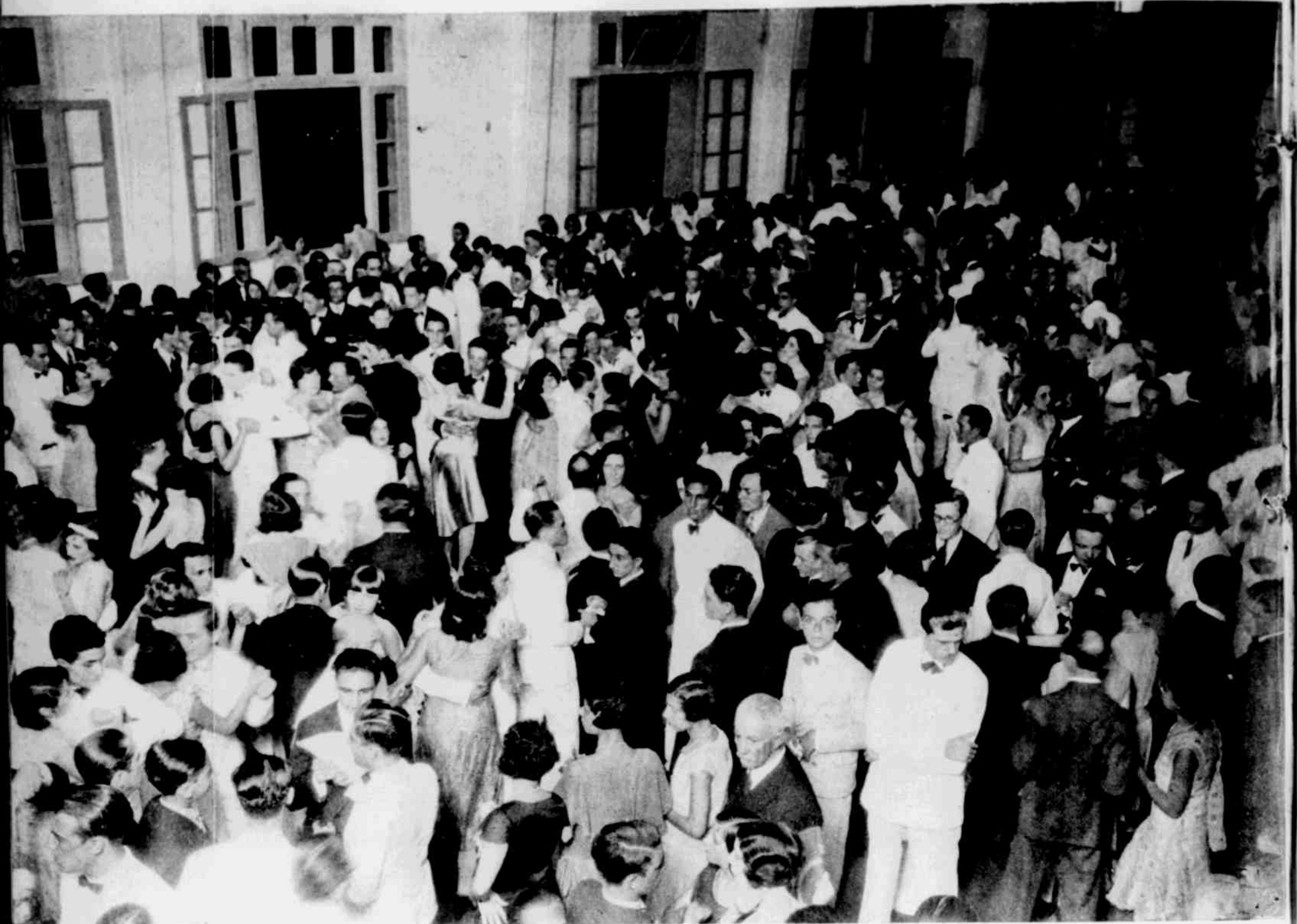
— "Deus poderá perdoar-lhe, mas eu nunca o farei!"

Conhecendo-lhe esse amor desventurado, eu me quedei pensativa em Londres, deante de sua figura feita de cêra.

Fitei cheia de curiosidade aquelle aspecto de féra acorrentada na vitrina, aquella fronte impassivel, aquella bocca cerrada, guardando sentenças funestras, aquelle corpo hirto dentro do vestido de velludo azul, com a fina gola branca encanudada, cruel como um carrasco, e cujo peito de aço encerrava um coração que parecia nunca ter palpitado!

JESY BARBOSA

A revista "Radiocultura" abriu um concurso para saber qual era o primeiro cantor regional brasileiro. Venceu uma cantora: Jesy Barbosa. Todos a admiram, todos lhe querem bem, todos ficaram contentes. Jayme Redondo tirou o segundo logar. Olga Pragner o terceiro. Muito votados foram Gastão Formenti, Geny Rebuá, Anna Albuquerque Mello, Francisco Alves Patricio Teixeira, Sylvio Salema.

O Theatro Lyrico hospeda Roulien e a sua companhia de films scenicos. A companhia tem Aurora Aboim, Alma Flora, Cordelia Ferreira, Diva Tosca, Elvira de Jesus, Elza Cabral, Henriqueta Romanita, Julieta d'Almeida, Lisie d'Ambra, Ruth Vianna, Barbosa Junior, Eduardo Vianaa, Durval Rebouças, Ignacio Brito, Manoel Rocha, Olavo de Barros. Os preços são de cinema. A sympathia de Roulien e a vontade de fazer bem e differente, que o torna mais sympathico, dão esperanças ao exito da temporada na rua 13 de Maio.

ROULIEN

Aspecto do grande baile com que a Associação dos Empregados ao Commercio do Rio de Janeiro festejou o 50º anniversario da sua fundação. Foi no edificio d'"A Noite. Sabbado proximo, publicaremos a reportagem completa.

COMMERCIO E POESIA

Na Academia Brasileira, quando foi commemorado o centenario do nascimento do poeta João de Deus. O senhor Silva Ramos lendo as suas encantadoras recordações. Os senhores Luis Guimarães, Ataulpho de Paiva, Augusto de Lima, Alberto de Oliveira, Coelho Netto, Medeiros e Albuquerque e Affonso Celso escutando.

Felicidade de Lola Kneip

Julieta Telles de Menezes fez uma viagem bonita por todos os Estados do Norte. E desde a Bahia foi encantando aquella gente com a sua presença e a sua voz. Lá longe, no Pará, encontrou Eneida. Em Santa Maria de Belém. A cantora e a poetisa mandaram juntas uma porção de saudades para o Rio.

Vem ensinar-me o que é a felicidade, amado. Tu que és bom, tu que trazes as mãos cheias de bençãos piedosas, tu que tens nos labios um sorriso de misericordia e amor para os infelizes, joga no meu caminho tristonho as luzes mornas da bondade que te anima...

Vê como é triste e escura a estrada que eu devo trilhar — sem esmorecimento, sem desanimo, até o fim.

As urzes me magoam e laceram os pés, mas eu não devo chorar. Um rastro de sangue acompanha-me os passos — as lagrimas que eu chóro nos momentos de agonia dolorosa, no mais profundo do meu coração... Os meus olhos permanecem seccos. Mas, se vissem as lagrimas que eu chóro lá dentro, no intimo, com medo que ellas me venham molhar o rosto exangue! Mas, não, os abutres crueis que me espreitam nas encruzilhadas dessa estrada dolorosa, que esperam uma lagrima minha para explodirem em gargalhadas tremendas de sarcasmo e zombaria, esses nunca me verão chorar! Porque eu trago n'alma, fundamente gravada, a sciencia do orgulho. Embora o meu coração pene, embora derrame lagrimas dolorosas, no intimo, que me vão levando a vida, nos meus labios permanece um sorriso stoico de displicencia e ironia!

E custa-me tanto, amado, essa comedia inutil! Sou tão dolorosamente infeliz!...

Vem, tu que és bom, semear o meu caminho das rosas da tua bondade... A minha gratidão será infinita! Eu serei a tua escrava, a tua amante, a tua rainha, o que quizeres. Serei a serva mais humilde, que não tem o direito de erguer os seus olhos magoados para o senhor poderoso, porque só o seu olhar insulta, tamanha é a differença que os separa, sua noiva apaixonada e ardente, que te offerecerá a bocca aos teus beijos sabios, beijos enlouquecedores de quem sabe, inteira, a sciencia unica do amor... Meus braços brancos formarão cadeias perfumadas ao redor do teu pescoço, eu me banharei em sandalo, para que do meu corpo moço e bello se evole um perfume que te embriague... Tudo isso, amado, em troca de um pouco de felicidade! De um pouco da felicidade, que me pintam tão bella e que na minha vida é um eterno desejo insatisfeito.

Felicidade! Por que, para mim, és tão fugidia chimera? O que te fiz eu que, quando te quero prender, tu foges ao meu anseio, como mulher esquiva ao beijo que não quer?

Por que, Felicidade?

Hyldeth Favilla é da Bahia e faz poemas lindos. "Sarabanda illuminada", que ella publicou ha pouco, tem uma exaltação tão envolvente que ninguem poisa os olhos naquellas paginas uma vez só. Os olhos vão contar o que viram. A sensibilidade se alvoroça. E é então um tal de lêr e relêr a "Sarabanda illuminada", que o livro de Hyldeth Favilla fica todo de cór, na alma e no corpo.

Os dramas da alma feminina

Gravuras da reportagem de Walter Prestes publicada neste numero

Rocha Lima

Fortunato Perez

Dona Evangelina

PENETRANDO ATE' O MAIS INTIMO RECANTO DO CORAÇÃO DE DONA EVANGELINA ROCHA LIMA

ACCUSADA DE TER CHEFIADO O BANDO DE MASCARADOS QUE MATOU SEU MARIDO

Cila

Carlos

Os tres filhos do casal Rocha Lima

A aventura carnavalesca de Cesario Almendra

E o seu programma para o carnaval? — perguntou-lhe um amigo.

— Ah, meu caro!... Ha-de ser o mesmo de sempre: champagne e mulheres no primeiro dia, mulheres e champagne no segundo e o mesmo programma, em dóse dupla, no terceiro... Que venha o carnaval e has-de vêr quantas conquistas e quantas aventuras deliciosas!

Assim falou Cesario Almendra, typo perfeito de **conquerant**, de **homme a femmes**, capaz de todas as audacias e de todas as indignidades para conseguir aquillo que desejasse. Ultima encarnação de D. João Tenorio, detruia lares com a mesma serenidade com que sorvia um **dry martini** no Cog d'Or, usando para isso os mais ardilosos estratagemas, as mais perfidas intrigas e —quantas vezes! — valendo-se mesmo da carta anonyma, que é a ignobil arma dos villões...

No carnaval, em vez de vestir-se á moda da velha Hespanha, **de manto ao hombro, feltro ao vento e espada ao lado,** como melhor conviria á sua elegante figura donjuanesca, enfiou-se nas roupagens romanticas de Pierrot e sahiu pela cidade a farejar conquistas. Nos dous primeiros dias do "reinado da Folia", — conforme á expressão sexagenaria dos chronistas carnavalescos, — Cesario Almendra tomou algumas bebedeiras notaveis e inscreveu oito endereços no seu catalogo telephonico de uso particular...

No terceiro dia da formidavel bacchanal que todos os annos, com a força de uma avalanche, deita por terra os preconceitos sociaes e oblitera o bom senso da humanidade, vamos encontrar Cesario Almendra, Pierrot alegre e tonto, andando de baile em baile, procurando novas presas para satisfazer a sua vaidade morbida de conquistar, não pelo prazer das conquistas, mas pelo prazer de narral-as á roda dos amigos, invejosos e assombrados...

Em uma dessas festas, encontrou fantasiada de Colombina uma rapariga, cuja plastica, de uma perfeição hellenica, logo prendeu a sua attenção. Devia ter, se tanto, uns dezesete annos, a julgar pela esbelteza dos seus contornos de adolescente, pois o seu rosto estava inteiramente vedado por uma longa mascara negra. Cesario Almendra mirou, remirou-a, com um sorriso mephistofelico nos labios...

Convidou-a para dansar. Um fox-trot. Dous... Tres... E mais de mil galanteios, centenas de promessas mirabolantes... Ella, porém, resistia ao assedio, pilheriava respondendo aos galanteios, zombava das promessas que elle lhe fazia...

— Um collar de perolas? Tenho mais de dez...

— E uma baratinha, linda como um sonho...

— Cuidado que não seja algum Ford...

Isso desesperava Cesario Almendra. Não ha cousa que mais nos irrite quando pretendemos conquistar uma mulher do que esse ar desdenhoso com que ellas nos repellem. Cesario, entretanto, jurara que havia de triumphar. E lembrou-se de diluir no champagne o bom senso daquella encantadora Colombina.

— Acceita uma taça de champagne?

— Pois não...

Sentaram-se a uma mesa. Veiu o champagne. A Colombina pediu canudos.

— Canudos para champagne?

— Sim, canudos... E' uma excentricidade de carnaval, como outra qualquer... Além disso, não posso tirar a mascara. Não quero que alguem me veja...

Bebebram. A Colombina aos poucos ia se tornando mais jovial, mais alegre, mais condescendente. Agora já era ella quem pedia:

— Garçon! Mais champagne!

Cesario Almendra comprehendeu que a praça estava conquistada. Convidou-a para ceiar, num gabinete reservado e discreto, longe das vistas dos endiabrados foliões que dansavam furiosamente no salão, cantando coplas malandras de sambas da Favella...

A Colombina accedeu docilmente. No gabinete, Almendra rogou-lhe que tirasse a mascara. Estavam completamente sós. Não tivesse receio. Elle era um cavalheiro muito discreto, incapaz de comprometter uma dama...

— Vamos, Colombina, anda! Tira essa mascara e deixa-me beijar-te...

— Mas com uma condição: apagaremos todas as luzes...

— Seja!

Tableau. E, dentro da treva, Pierrot e Colombina, enlaçados, beijaram-se loucamente, soffregamente... Uma hora... duas horas, talvez ..

— Deixa-me morder-te, para te deixar uma lembrança minha, — pediu a rapariga.

— Morde-me! Despedaça-me as carnes! Mata-me, se quizeres! — rugiu satanicamente o Pierrot.

E, levantando a manga da fantasia, estendeu-lhe o braço direito. Os dentes ponteagudos da Colombina penetraram-lhe violentamente as carnes. Um filete de sangue jorrou, maculando a alvissima seda do magnifico Pierrot.

Almendra jámais esperara daquella creatura, de apparencia tão ingenua, taes requintes de sensualidade. Estava assombrado diante daquella loucura, daquelle phrenesi que a dominava. Quiz, nesse instante, vêr-lhe o rosto, incendido pela volupia e, solerte, apertou o commutador electrico.

A luz jorrou no ambiente. Almendra, encarando a rapariga, soltou um grito de horror. A face entumecida, coberta de pustulas e de manchas roxas, uma palpebra rcida e a outra se prolongando quasi até a ponta do nariz, as orelhas inchadas, disformes, desmedidamente dilatadas, tudo indicava que a desgraçada era uma leprosa. E elle fôra mordido por ella. Estava ali, no seu braço, ainda sangrando, a ferida aberta pelos dentes acerados da leprosa!

Como que um turbilhão rolou no cerebro avinhado de Cesario Almendra. E elle sahiu, desvairado, a pedir agua, em altos brados. Deram-lhe agua. Lavou-se uma, dez, mil vezes. Mas não ficava satisfeito. Queria sempre mais agua. E gritava, e berrava, e rugia:

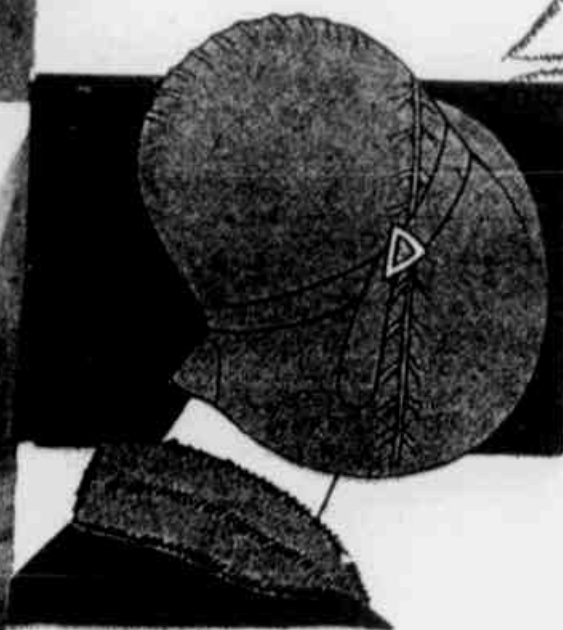
— Agua! Agua! Agua!

Estava louco. Hoje está internado no manicomio. Passa os dias e as noites inclinado sobre um lavabo, lavando-se, esfregando-se, sem cesar, e gritando o unico vocabulo que ainda se recorda:

— Agua! Agua! Agua!

R. Magalhães Junior..

Rio — 3-1930.

De Elegancia

O VESTIDO prompto, resolvido o caso da bolsa e dos sapatos, luvas condizentes, é o momento de pensar no chapéo. Um chapéo! Como se deve ter cuidado na escolha delle que é, como os sapatos, o verdadeiro complemento da "toilette"! O chapéo tanto aviva a expressão de um olhar como a modifica; emmagrece um rosto como o engorda. E, na materia, todas preferem afinar o corpo, porém, manter viçosas as faces, quer de um rosto fino quer de um redondo. Fisionomia descarnada não está noról das cousas interessantes. Assim, o chapéo não é tão facil de ser escolhido como á primeira vista parece. De um anno a esta data e ainda pelo outomno que virá proximamente e pelo inverno que se lhe segue, os chapéos de rigor são os pequenos, muito justos ao rosto, muito grudados á cabeça. Assentam em todas? Assentam sem distincção? Muito pelo contrario: nem assentam em todas, nem assentam em muitas, maximé os de genero "casquette" que requerem rosto fresco, muito joven ou dando a illusão disso. Ha, entretanto, chapéos pequenos que vão bem, na generalidade. São os de feitio mais commum, os "cloche", os de aba batida á frente, que, grandes, são denominados: pirata. E estão de uso e preferidos por muita gente bonita.

O chapéo extremamente minusculo como o de abas grandes requer fisionomias especiaes. Como saber disso? Experimentando-os. E não se deixar levar pelos gabos das caixeirinhas de loja que o que querem é vender, vender de qualquer geito. Uma até procurava inculcar a uma senhora edosa, na minha presença, um panamá enfeitado de vermelho, azul vivo e amarello laranja. Certamente o chapéo tinha "cachet", mas não para um rosto enrugado e cabellos de prata.

A não ser de palha, "bakou", "bengale", e outras muito finas e apropriadas

para o nosso verão, o chapéo que se vae usando e que se vae adoptar no proximo inverno é o de pano-feltro, de "drap", de seda ou de fita. E' o chapéo feito de fazenda que se dobra com facilidade, que se arruma na cabeça dando o feitio que se quer, que não amarrota. E' fino, elegante e pratico. Resta, apenas, escolher o feitio adequado, não só á idade como á linha do rosto, e tambem á linha geral.

—

Carmen Cinira publicou "Grinalda de Violetas", linda brochura de versos que me offereceu do qual transcrevo a seguinte poesia:

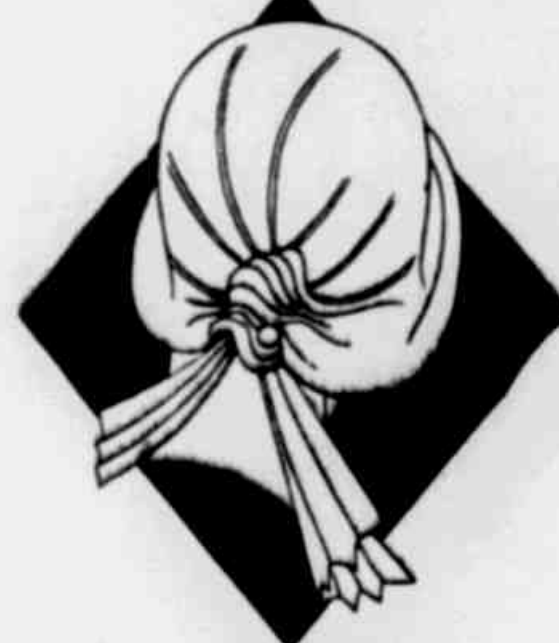
"ERA UMA VEZ...

A arvore sonhava quieta quando
O vento veio e, como um trovador,
Acordou-a, cantando
Docemente
Uma canção de amor...
Depois, mais forte,
Num transporte
De amante ardente,
Cingiu-a toda,
Beijou-a toda
E partiu carregando a mais bella das
[folhas...
E a arvore amou o vento com desvelo
Mas ficou triste por temer
Que elle, inconstante, arremessasse
Em alguem barathro de gelo
A preciosa presa,
Aquella parte mais querida do seu ser
E emfim não mais a desejasse...

Mas a folha, tão fragil de lembrar
Uma romantica princeza,
Deixava-se levar,
Inconsciente do perigo,
Tonta de prazer e de paixão...

Eu sou a arvore... o abysmo — o esque-
[cimento...
Tu és o vento
E a folha que lá vae fascinada comtigo—
Meu coração!"

SORCIÈRE

MUSICA

Nesta epoca em que vamos todos assitindo á dolorosa decadencia de todas as artes entre nós, é sempre bastante consolador acompanhar o esforço de alguns artistas brasileiros que, fóra do Brasil, ainda conseguem chamar, para o nosso nome, a attenção dos publicos e das platéas cultas da velha Europa.

Tratámos, na nossa chronica passada, do lindo successo que estará obtendo, na temporada lyrica da Real Opera de Roma, a nossa patricia Bidú Sayão.

Hoje, a nossa referencia será, em primeiro logar, para Heloisa Bloem Mastrangioli, que tambem se acha na Italia, em viagem de recreio, mas que, apesar disso, não quiz perder a opportunidade que teve, para se apresentar.

Heloisa Mastrangioli acaba de realizar um concerto em Milão, no Instituto Livre de Cultura. O seu exito foi completo, sendo facil de aquilatar, sabendo que a distincta artista foi obrigada a cantar quatro numeros extraordinarios.

Todo o Rio musical sabe perfeitamente o quanto Heloisa Mastrangioli é caprichosa na organisação e interpretação dos seus programmas. Não se admirará, portanto, de saber que o seu triumpho na famosa cidade italiana, foi o mais completo possivel.

La Sera, assignalando o successo desse concerto, que classifica de magnifico, faz referencias particularmente enthusiasticas á belleza de voz da cantora brasileira, á sua esplendida escola e ás suas raras perfeições de estylo, registrando que a artista foi applaudidissima e forçada a conceder numeros extraordinarios.

Tambem **Il Popolo d'Italia** se referiu lisongeiramente ao concerto de Heloisa Mastrangioli, cuja voz considerou quente e finamente modulada e cujo estylo perfeito impresiona, tendo por isso mesmo interpretado admiravelmente Schubert, Schumann, Tuberli e outros. Salienta, em seguida, a interpretação primorosa dada a um poema de Souto Siquido, composto de quatro cantos originaes, admiravelmente cantados, que o publico acolheu com especial interesse.

Não são, porém, unicamente de Heloisa Mastrangioli as noticias que nos chegam da Europa. Tambem em Paris o nosso patricio Ladario Teixeira tem conseguido impor-se ao applauso publico, realizando concertos que equivalem a successos consecutivos.

A professora Ruth Hamile Gonçalves que ultimamente conquistou o 1° premio, Medalha de Ouro, no concurso de piano do Instituto Nacional de Musica. E' alumna da Eximia Professora D. Maria dos Santos Mello.

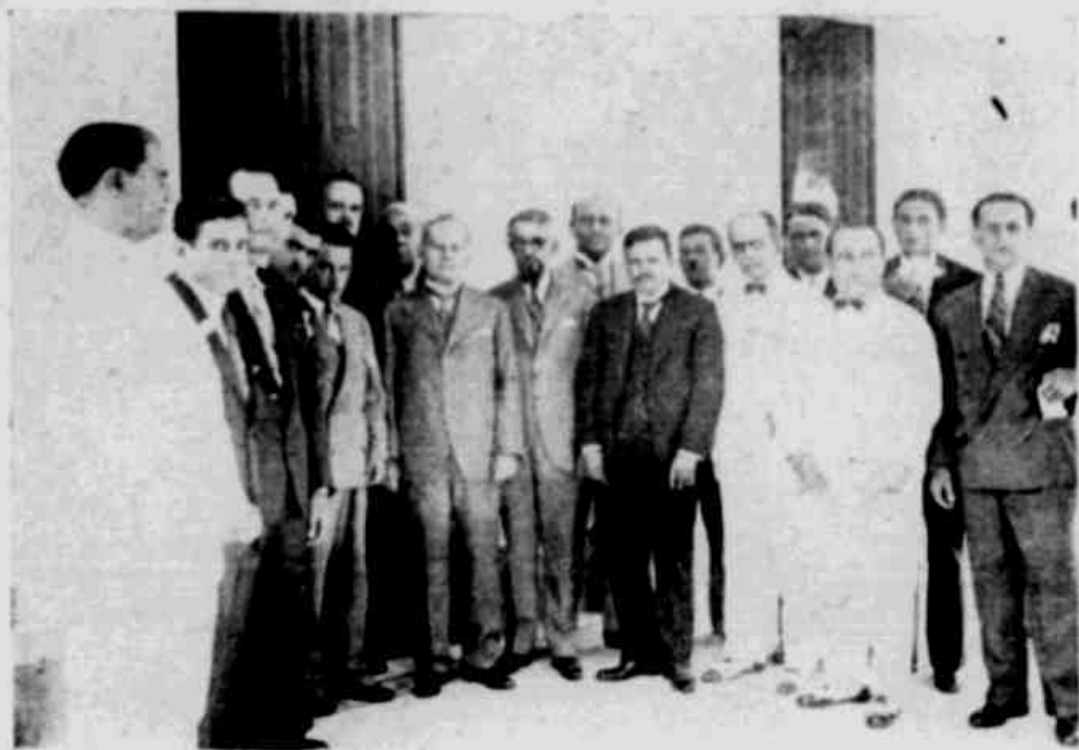
O nome do artista é bastante conhecido da nossa platéa musical Ladario Teixeira é cego de nascença. Mas Deus, que lhe negou a luz dos olhos, não lhe negou a luz da intelligencia, dotando-o de grande sensibilidade artistica. Ladario, como se sabe, é um saxofonista eximio. Elle faria successo, por força, aqui ou em qualquer parte do mundo, onde se saiba apreciar devidamente os meritos de um verdadeiro artista.

Omer Singelée, critico do "Courrier Musical" escreve sobre Ladario estas palavras: "Raramente temos occasião de ouvir um recital de saxofone. Entretanto, nas mãos de um artista emerito, esse instrumento póde prestar-se á interpretação das musicas, as mais diversas, porque os seus recursos excedem singularmente os limites em que os preconceitos oriundos do seu emprego nas fanfarras e harmonias, nos habituaram a circumscrever arbitrariamente as suas possibilidades O Sr. Ladario Teixeira merece louvores por ter provado magnificamente o que affirmamos, tocando num saxofone de qualidade notabilissima obras diversas, transcripções de paginas para instrumento de arco e para flauta."

O critico, como se vê, faz uma referencia especial ao instrumento de qualidade notabilissima do artista. E' que Ladario Teixeira aperfeiçoou o saxofone, accrescentando-lhe algumas notas nos registros grave e agudo. Essa modificação permitte ao saxofone executar peças de violino e de violoncello e outros instrumentos.

A principal fabrica franceza desses instrumentos acceitou as alterações nelles feitas pelo artista patricio, reconhecendo que redundaram em grande melhoria.

Pára fechar estas linhas, devemos registrar que o tenor brasileiro Sylvio Vieira foi contractado pelo empresario Meluzzi, para cantar em varios theatros da Italia para onde deve seguir dentro em breve.

"PARA TODOS" NA BAHIA

O governador Vital Soares, entre os moços da "Caravana da Mocidade Mineira", politicos bahianos e jornalistas.

De regresso de suas victoriosas excursões ás capitaes platinas, chegam á Bahia os jovens illustres Demosthenes e Pericles Madureira de Pinho.

A minha Josephina Baker

(Saudades de sua passagem por São Paulo)

Os homens máos, que o mundo tem, inventaram para deleite de sua maldade uma mulher satanica — mistura de selvagem e de "bas-fond" — que elles cobriram de ouro e de má fama e fizeram atordoar o mundo, de cima de um "cabaret", com o nome de Josephine Baker.

Josephine era o horror dos lares honestos.

Josephine era a negra diabolica que transtornava os juizos mais severos do universo.

Josephine era a Venus de ebano.

E os homens máos escreveram as "memorias" de Josephine Baker. Em poucos mezes foram servidas edições e edições de milheiros desse livro, que revelaria coisas-do-arco-da-velha.

———

As boas senhoras brasileiras persignaram-se, quando passou pelo Rio a negra atrevida.

Felizmente não pisaria os palcos nacionaes.

———

Mas o Viggiani não permittiu essa heresia. Trouxe Josephine. A Josephina perigosa. A Josephine consoladora. A millionaria impudica.

———

A' meia luz da sala quasi vasia do "Odeon" eu fui apresentado á Josephine Baker.

Negra ?

Nunca ! Josephine não é de ebano. Tem na epiderme e na voz toda a gostosura dos chocolates com leite do amigo Falchi. Um arzinho ingenuo de menina boa. Conta como se fosse uma das nossas amiguinhas ali do 4° anno do primeiro grupo escolar do estado de São Paulo. E' simples. Muitissimo simples. Capaz de rir—como eu a vi rir— com um engano do machinista do theatro singelo em que ella appareceu — sem o cortejo de "girls", sózinha, no meio do palco, tal qual uma actrizinha principiante.

Não pude acreditar.

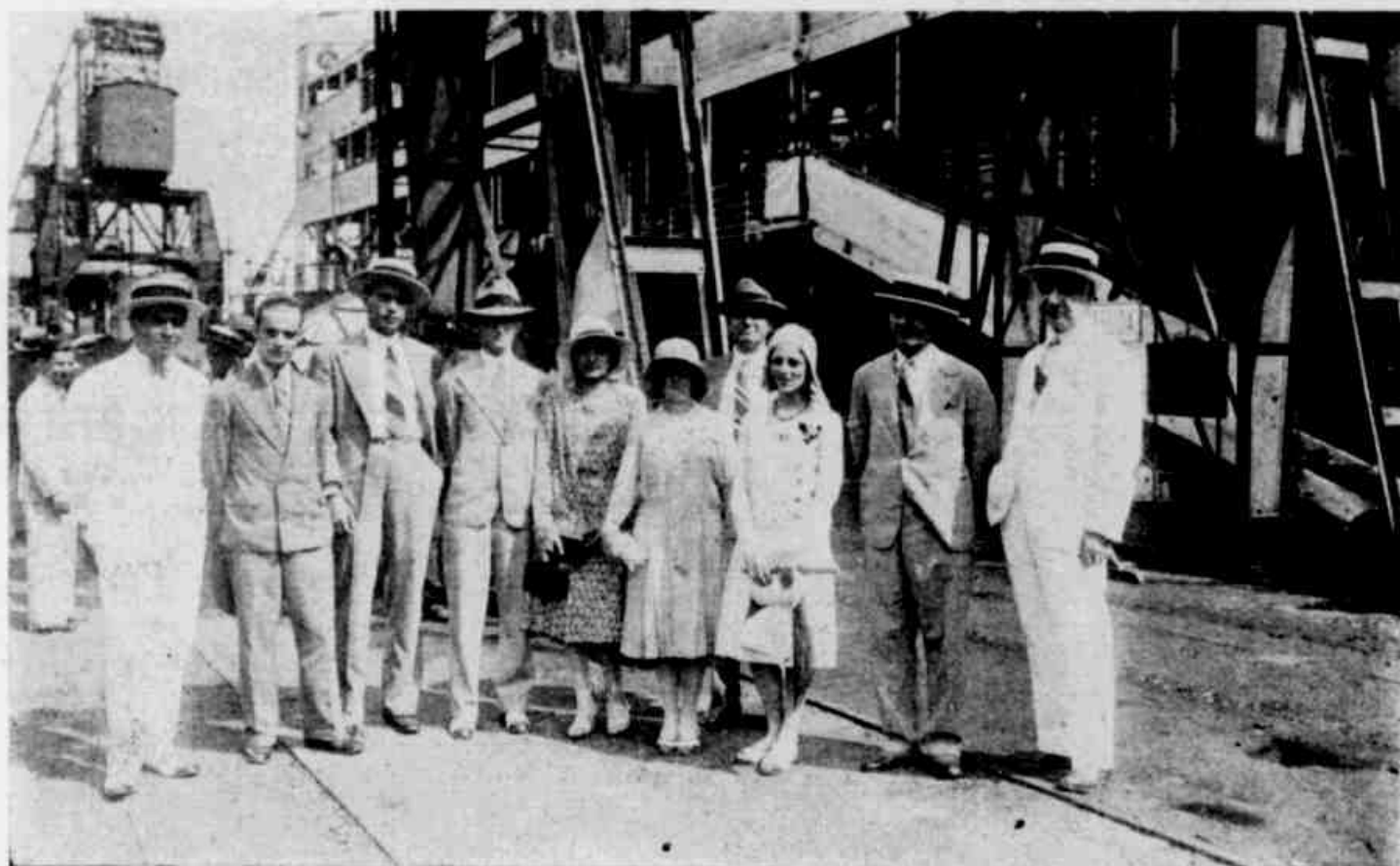
Falei-lhe:

— "Mas Josephine ! E' você ? ! E' você que veiu ao Brasil com toda essa bondade mestiça da minha terra ? ! Não, não é você... Os homens do mundo gritaram pra mim que você era uma negra satanica. Você dansou nos "cabarets" mais afamados do mundo, arrastando comsigo os corações dos homens. E a fortuna não lhe negou preito, a propria fortuna tão avára ! Os homens me contavam que você tem palacios e tem joias. Sua alma deveria ser negra como o seu corpo. E você me apparece assim ? ! Nessa ingenua candura das nossas mulatinhas impuberes. Josephine ? !..."

— "E' porque eu sou, meu amigo, um pouco mais que as mulatinhas impuberes de sua terra. Satanica, eu ? ! Ninguem o poderia ser aos 23 annos de idade, pois você não acha ? Se eu arrastei corações ? De um sei eu que me arrastou. E esse é o de meu marido. Que nem é conde, você não sabia disso ? Rica ? Sou, e é natural. Esses homens que o mundo tem; esses sujeitos perigosos que se dizem conquistadores; esses que encheram os "cabarets" para me ver não os tema, meu caro amigo. Esses pobres-diabos só têm uma funcção na vida: fazer de conta que a vida é má. Elles são os productores de tudo quanto é bobice — como a Josephine Baker — satanica, que você pensou existir e elles pensaram fazer existir. E, como ha muitos homens tolos no mundo, eu enriqueci. Como você enriqueceria. Como se enriqueceram tantos homens e tantas mulheres, no fundo igualzinhos a mim. O satanismo, a impudicicia, a falta de vergonha, não sabe ainda de onde vêm ? Da burguezia, meu velho..."

— "Josephine, toma um "drink ?"

— "Thank yan, Guy", prefiro chá com torradinhas".

HOMERO SILVEIRA.

Embarque para a Bahia, de regresso de sua excursão a Buenos Aires, dos professores Estacio de Lima e Exma. familia e Deraldo Dias, e dos academicos senhorita Lili Lages, Demosthenes Madureira de Pinho, Pericles Madureira de Pinho, Miguel Calmon Sobrinho, Magno Baptista e Lages Filho.

PAGINAS LIDAS

Este automovel espiritual enguiça a miúde. Pois se a gazolina é escassa e o motorista não é habil excentrico! Mas, com o favor de Deus, vae fonfonando sempre, um fonfonar sem estridencia nem insolencia. Fonfona e anda. Um andarzinho meio preguiçoso... Mas vae... Vae, para dizer coisas sem belleza, porém, sinceras. Por exemplo: que os "vinte annos de circo", do senhor Brasil Gerson, offerecem um espectaculo delicioso.

E' um livro que a gente leria de olhos fechados, com está cavaqueando com um velho amigo, muito do peito, e que sabe ter graça, ter finura, ter subtileza, ter espirito.

E' um livro que a gente leria de olhos fechados, num religioso recolhimento, como o recolhimento dos adoradores da musica di camera, caso fosse isso possivel. Porque o diabo do livro é bom de verdade.

Para julgal-o, embora se queira ser aquelle critico descripto por Gomes Carrielo, e que o senhor Brasil Gerson enquadra guapamente numa scintillante pagina da sua novella, "o critico que é um sujeito que se compõe de tres sujeitos: de um juiz, de um padre e de um agente de policia", não se póde, porque esse livro não dá tempo, como a presença das mulheres interessantes, de se franzir a testa, de se carregar o sobr'olho de se ouvir voar uma mosca. Elle nos absorve todo. Estabelece um dialogo amavel com a nossa alma, e é com o diacho de uma indolencia pesada e lerda que a gente o fecha. Tão bem se continuasse a contar aquella historia tão bem contada, do homem trouxa da Ninon e do bicho escovado da Lisette, do velhacão da D. Dolores, sempre com um olho "en los ojos de fuego" e outro na navalha da cigana, e do pacovio da Consuelo que — quem sabe? — ainda está a esperar por ella no "hall" do hotel em que se sentou o anno passado...

A historia do homem que, como Mussolini, comeu o pão negro que o diabo amassou, e vence e triumpha na vida através da philosophia que essa vida lhe ensina!

O caboclo mata o bicho, virando de um trago o calice da pinga: eu devorei ás carreiras o livro do senhor Brasil Gerson. livro que reli, em alto mar, entre o turbilhão das aguas infinitas e o céo que se arqueava ali longe, pausadamente, demoradamente, sentindo o embalo do navio e gozando o embalo das suas phrases tão desataviadas e tão encantadoras!

O senhor Virgilio Mauricio não tem "numa mão sempre a penna e noutra a espada", mas sabe alternar na dextra a penna com o pincel, com uma segurança admiravel. A sua alma de artista é a mesma na téla ou no papel: pinta e escreve com a mesma elegancia e o mesmo brilho. Revela-se nas côres dos seus quadros e nos periodos da sua prosa. Em "Trapezio da vida", fragmentos de impressões colhidas pelo artista, homens e coisas elle os trata com carinho e observa com perspicua agudeza.

Ao senhor Virgilio Mauricio devo um duplo prazer: o da leitura do seu livro e do achado dos dois maravilhosos sonetos de Cyro Costa, dos quaes eu andava ansiosamente á cata. Ouvi-os majestosamente ditos pelo autor, mas não os possuindo escriptos, não podia gozal-os quando a minha alma os solicitasse.

Perdôem-me... Quando tanto se fala em mãe preta e tanto se lhe glorifica a tarefa obscura e sublime, é peccado resistir á tentação de dar maior divulgação ainda a esta peça prodigiosa:

MÃE PRETA

Lugubre, acaçapada, espiando no ermo, á beira
Do açude da fazenda, a lua côr de opala,
Com sussurros de reza ou rumores de feira,
Via-se, num quadrado, a sordida cenzala...

Sobre um velho girão forrado duma esteira,
Ell-a, embalando ao collo — e com que amor na fala! —
O "sinhozinho branco", a quem se dava, inteira
Até que adulto, fosse, um dia vergastal-a.

Soffreu como ninguem! Com fervor nunca visto,
Persignava-se ao ver céos azues e montanhas:
"Louvado seja Deus Nosso Sinhô — Suns Christo!"

Na escravidão do amor, a criar filhos alheios,
Rasgou, qual pelicano, as maternaes entranhas,
E deu á Patria Livre, em holocausto, os seios!

E ainda este outro, com o mesmo sabor de piedade e de reconhecimento, de fino lavor artistico:

PAE JOÃO

Do taquaral á sombra, em solitaria furna,
Para onde, com tristeza, o olhar curioso alongo,
Sonha o negro, talvez, na solidão nocturna,
Com os limpidos areaes das solidões do Congo.

Ouve-lhe a noite a voz nostalgica e soturna,
Num suspiro de amor, num murmurejo longo,
E o rouco, surdo som, zumbindo na cafurna,
E' o urucungo a gemer na cadencia do jongo...

Bemdito sejas tu a quem certo devemos
A grandeza real de tudo quanto temos!
Sonha em paz! Sê feliz! E eu que fique de joelhos

Sob o fulgido céo, a relembrar, magoado,
Que os frutos do café são globulos vermelhos
Do sangue que escorreu do negro escravizado!

Ao Sr. Virgilio Mauricio que, com o seu ultimo livro, patenteou qualidades peregrinas de observação, vasada em estylo escorreito e limpido, ficarão ainda as nossas letras a dever o bem precioso que Cyro Costa avaramente trancava á admiração dos seus patricios.

O nome do Sr. Silveira Bueno, eu o trago gravado, de ha muito, no meu affecto espiritual, como dos mais dignos de ser amado.

O seu estylo, já nos jornaes, já nos livros, lembra um sorriso de virgem, pela doçura transparente e diaphana. Os seus motivos são sempre asseiados e seductores. Amoroso de sua terra, revive, em um grande e puro caminho, as tradições de São Paulo, plasmando-as em paginas enlevadoras.

Espirito profundo, que crê e que pensa, nobremente, o Sr. Silveira Bueno em "Os que amaram de mais" nos patenteia, de par com os seus apreciaveis predicados de escriptor, o esplendor dos seus jardins interiores.

Nessa série de contos, um é sempre melhor do que outro, de maneira que quem os lê, hesita na preferencia.

Livro suave no qual se fixam, quasi sempre,as virtudes humana, sem que, entretanto, como em "Mocotó, o conquistador", deixe de focalizar o lado ruim da creatura.

Como que a todas as paginas do livro atravessa a doce melancolia de um luar de praia deserta, onde o mar, o velho mar, atira á areia os soluços brancos do seu coração mysterioso...

Livro que enleva e que commove, o lindo livro do senhor Silveira Bueno.

LEONCIO CORREIA.

Na penumbra em que te amo

Na penumbra em que amo, fico á espera
de ti, do teu amor. Minha alma considera,
adivinhou o teu vulto senhoril...
Fico á espera... E essa espera é quasi que um desejo...
(Penso então que o que espero é o calor do teu beijo...)

Cerro os olhos, e sonho o teu perfil...

Fico á espera não sei de quê... Fico esperando
tuas phrases, talvez... Talvez teu gesto brando,
suavissimamente acolhedor...
Fico á espera não sei de que, numa ansiedade...
Fico á espera...
E essa espera é quasi uma saudade
do tempo em que eu não te esperava, meu amor...

CID SILVEIRA

ENLACES

Amelia Pires da Fonseca — José Soares do Amaral

Stella Brandão — Villa Chau

Os dramas da alma feminina

(FIM)

CARLOS, O MENINO-HOMEM

Carlos, o meu riquinho de quatorze annos — d'z depois D. Evangelina — **é talvez por quem eu mais soffro. Sei que ha um drama horrivel na alma de meu filhinho. Elle luta entre mim e a memoria do pae. As tias nunca lhe disseram a verdade. Carlos comprehenderá que eu estou na prisão por amor dos meus filhinhos? Elle saberá que, ha dez mezes, todos os momentos da minha vida de carcere são dedicados aos pensamentos de mãe angustiada? Ah! Meu Deus! Meu filhinho!**

Faz cinco mezes, Carlos adoeceu e teve de ser submettido a uma operação mel'ndrosa. (As tias não dão noticias dos filhos de D. Evangelina, mas a pobre mãe sabe de tudo, porque a sua preoccupação unica, absorvente, enlouquecedora, é indagar das creanças de que a apartaram).

Quando soube da doença de Carlos, a presidiaria entrou como allucinada na secretaria.

— **Meu filhinho!** — gritava. — **Quero ir para junto delle!**

D. Evangelina escreveu uma carta ao juiz da 6ª Vara. Ped'a-lhe que a deixasse ir visitar o filho na Casa de Saude São José. O magistrado concedeu a l'cença.

— **Mas não me deixaram ver meu filhinho! Allegaram recommendações medicas, quando eu sabia que elle era visitado por outras pessoas!**

O ma's que D. Evangelina conseguiu foi fazer com que uma amiga de confiança chegasse até a cabeceira do pequeno enfermo.

— **Diga-me alguma cousa que tranquillize sua boa mãezinha, Carlos** — pediu-lhe a visitante. — **Ella soffre horrivelmente por você.**

O menino não respondeu. No emtanto, aquellas palavras lhe haviam tocado o coração. Elle soluçou como uma creança sem mãe. Que se passaria naquella almazinha? Estaria Carlos prohibido de dizer algo que consolasse sua mãe afflicta? Por fim se entreabriram os labios do menino:

— **Hei de dizer, um dia! Um dia, mamãe saberá o que sinto!**

UMA MENINA OBRIGADA A SER ORPHÃ

A outra filhinha da accusada é a menina Cila. Esta tem onze annos de idade e é de uma intelligenc a rara.

— Pelo amor de Deus! — implora-me D. Evangelina. — Não escreva o que lhe vou contar de minha querida filhinha. Se as tias souberem que ella é minha amiga, Cila soffrerá ainda mais.

A encarcerada confia-me o seu maior segredo. Nem as suas companheiras de prisão conhecem o romance de Cila.

— Quem será aquelle homem que nos olha tanto? — pergunta-me a minha interlocutora.

D. Evangelina receia que alguem a escute

Interrogo o funccionario Rodolpho a respeito do tal homem.

— E' um guarda novo — responde-me elle.

A presidiaria baixa a voz.

— E' Cila quem me manda noticias dos irmãozinhos. Ha uma pessoa caridosa que consegue illudir a vigilancia de minhas cunhadas e fala-lhe seguidamente. Ha dias, obtive uma das cousas que eu mais desejava. Tenho um bilhetinho que minha filha me escreveu! Como é queridinha! Como me ama!

Retirou da bolsa negra um papel dobrado e passou-m'o ás mãos.

Li.

"Minha mãezinha do meu coração. Não imagina quantas lagrimas tenho posto por você, escondido lá de casa. (Cila escreveu ás pressas, da casa de um vizinho). Tenho rezado todas as noites para eu ficar com você.

Estou no collegio interno, presa para não te ver. Não sei como Carlos póde ser assim, mas não me encommódo porque gosto de você.

Recebi o que me mandaste e gostei immensamente de ter uma lembrança tua.

Minhã mãezinha. Não mostre a ninguem esta carta, porque eu tenho medo que aqui saibam.

Da tua filhinha que nunca te esquecerá. — Cila. — 19—2—930

— Pobre filhinha! — soluça D. Evangelina.

Internaram-na num collegio de freiras, o Collegio Santos Anjos, na rua Conde de Bomfim.

Um dia, como Cila falasse muito de sua mãezinha, uma religiosa lhe disse:

— Você não tem mãe, menina!

A freira falava com razão. A pessoa que internou a pobrezinha no collegio fez a directora registrar no livro de matricula, ao lado do nome de Cila: **Orphã de pae e mãe.**

Ahi está a grande tragedia de D. Evangelina:

Arrancaram-lhe os filhos! Extirparam-lhe o coração! Foi assassinada! Mataram-na e deixaram o cadaver viver!

(Ver as gravuras referentes a esta reportagem em outra pagina do numero de hoje).

Graphologia

AVISO

Temos inutilizado innumeras cartas, umas escriptas em papel pautado, outras não assignadas com o nome legal, e outras finalmente a lapis.

Fazemos este aviso para que os consulentes não percam mais tempo esperando respostas, e tratem de enviar outros pedidos regularmente, assignados em papel liso. O pseudonymo só é permittido para resposta.

■

JOTALA (Manáos) — Cultura, enthusiasmo, uma certa precipitação é o que revela sua letra rapida. Nota-se mais: actividade psychica, poder de logica e deducção assim como assimilação facil e concatenação de idéas. Generosidade, grandes aspirações e, por certo, orgulho. Embora os horoscopos nada tenham de commum com a graphologia, aqui vae, a seu pedido, o dos nascidos a 18 de Novembro: "São muito independentes, não se subordinando a pessoa alguma e tendo prazer em mandar e dirigir. Cheios de iniciativa e enthusiasmo, nada os desanima e estão sempre á frente de quaesquer emprehendimentos. Não lhes falta enthusiasmo e intelligencia, obtendo successo como escriptores ou artistas. Amigos da lisonja, sentem-se felizes quando elogiados. Gostam de passar bem e de se apresentar sempre com elegancia. Apezar do seu genio irritavel, serão felizes no matrimonio si tiverem o cuidado de escolher pessoa que não tenha nascido tambem em Novembro, porque "duro com duro não faz bom muro" e sendo os "dois bicudos" difficilmente se beijam...

ZIZINHA (Rio) — Vejo muita fantasia na sua letra, espirito sonhador poetico, sem excluir, entretanto, um pouco de teimosia, muito commum em todas as jovens. Amor ao confortavel, ao luxo, mesmo, ás grandes viagens. Sensibilidade refinada, emotividade grande, delicadeza de tacto, finura, reserva.

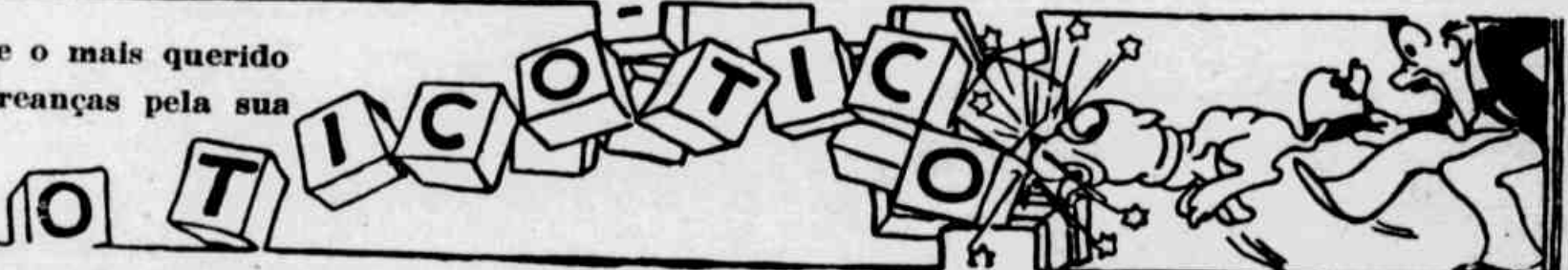
NAR (Rio Grande do Sul) — Delicadeza, sensibilidade, talvez, mesmo, fraqueza, senso critico, subtil, intelligencia viva, embora pouco cultivada. Pelo movimentado dos traços se vê ainda alegria, agitação, loquacidade, imaginação creadora. Amigo da clareza e das situações definidas.

BABY (Rio) — Como as consultas são attendidas observando-se a precedencia do recebimento, chegou agora sua vez. Sua letra é tambem movimentada, um pouco semelhante a da precedente consulta, denotando imaginação viva, intelligencia, cultivo literario, espirito curioso, avido de saber, franco, alegre, loquaz. Ha tambem muita fantasia, iniciativa, enthusiasmo, amor ao confortavel, ao luxo, até. O horoscopo das pessoas nascidas a 10 de Abril é este: "Tem temperamento artistico, notadamente para a musica e poesia. São bastante intelligentes, porém, voluveis e de genio irritavel. Muito egoistas, tornam-se ciumentas, o que lhes trará desgostos com o matrimonio. Impacientes e nervosas, não sabem esperar cousa alguma, precipitando-se, ás vezes, por imprudencia..."

PERNAMBUCANA (Recife) — Quando recebi sua amavel cartinha de 16 do passado, já havia feito o estudo que solicita. Procure na collecção o n. 585 de "Para todos...". E' logo a primeira!...

MORENINHA CARIOCA (Rio) — Vejo bondade, generosidade, benevolencia, altruismo. Ha tambem um pouco de capricho e na sua assignatura o signal de personalidade bem definida naquelle traço energico com que frisa seu nome de familia, demonstrando que sabe o que quer e sabe querer. E' bastante reservada, embora affectuosa e gentil. No momento de escrever estava sob a pressão de um desgosto qualquer, desalento, melancolia, tristeza...

PALADINO (Rio) — Grato pelas referencias elogiosas do seu amigo. E' bondade delle tão sómente. As linhas ascendentes da graphia mostram enthusiasmo, alegria de viver, coragem, ambição, espirito de iniciativa, esperança. Ha tambem actividade psychica, concatenação de idéas, poder de logica e deducção, assim como assimilação facil. Mande dizer agora qual o resultado do confronto. A gente se conhece tão pouco a si mesma...

GRAPHOLOGO.

ACERCA DE SHAMPOOS

Ha um sem numero que pódem ser qualificados como bons, inocuos e máos. E' impossivel que uma marca de shampoo possa ser apropriada para cada uma das differentes especies de cabello. Em alguns casos elle tira muito do azeite natural; em outros, demasiado pouco. As pessoas de cabello claro têm necessidade de um shampoo mais suave que as de cabello escuro. O logico, pois, é que cada um prepare o seu proprio shampoo, graduando-lhe a força de accôrdo com as necessidades do seu cabello. Como uma planta em terra fertil e bem cuidada, o cabello crescerá abundante e formoso se fôr cuidado apropriadamente; porém se se abusa delle, como fazem muitas mulheres, que o lavam com fortes soluções alcalinas, acontecerá o mesmo que se atirasse um veneno destinado a cardos sobre uma planta delicada. Antes de concluir, devo advertir que o meu pharmaceutico me recommendou o emprego do staliax simples, em logar dos shampoos em pó, já preparados; e devo informar que esta substancia resulta ideal para o fim indicado. Faz com que o cabello se torne suave e ondulado.

Um rapaz complicadissimo...

(FIM)

— Belinha, Belinha !... Onde esta meu suspensorio ?

O chiado dos ovos se fritando vinha de dentro das caçarolas. A casa teria jardim. O gallinheiro ficaria no fundo, escondido na sombra, protegendo as leghorn do calor. O sol do suburbio e mais os pardaes estragariam as couves.

—

A clareza da sua vida futura foi tão imprevista que não lhe permittiu traçar logo, com imponderavel bom senso, a linha recta do seu proceder. E qualquer resolução sua, funda, formal, decisiva, poderia passar aos olhos dos que o cercavam como a mais absurda das cousas. Elle bem sabia que a bôa D. Lola jámais poderia acreditar que aquelle magro hospede, funccionario de fraca categoria no Banco Germanico, pudesse ter tragedias interiores, necessidades dolorosas de cerebro e coração. Taes cousas eram naquella pensão familiar do Andarahy apanagio exclusivo do Dr. Pontes, viuvo, que, além de doutor e mandão na Côrte de Appellação, era massudo collaborador da Revista dos Tribunaes e pagava com as notas mais limpas e novas do Thesouro, no fim de cada mez, tres vezes mais do que elle, fóra ainda os extraordinarios, que só em banhos mornos para o seu nervoso iam longe.

Era nu'til aquella bôa vontade do sol de entrar-lhe pelas janellas e aclarar-lhe o quarto pobre. Era perfeitamente inutil aquellas borboletas andarem esvoaçando no jardim de D. Lola, repleto naquella época de hortensias azues, que as mãos de D. Luiza, a filha, tão leves, tão delicadas, regavam pela manhã. Bem havia necessidade absolutamente daquelle fundo chromal: pelo monte acima subirem, entrelaçados nos verdes, aquelles "bungalows" inglezes, engraçados e pequeninos como brinquedos. Elle não era homem de ambientes exteriores. Uma paizagem não o consolava, o encanto de uma flor não diminuia o travo das suas dôres, nem o canto de um passarinho o fazia esquecer que elle vivia sózinho. Para que, pois, aquella graça da vida em volta delle, se a sua vida real, a sua vida verdadeira, aquella que elle vivia, longe de todos, longe de tudo, sem lar, sem parentes, sem amigos, apenasmente dentro do seu coração e dentro da sua intelligencia, não representava nada de definitivo ?

O Dr. Telles Borbora, novo professor da Faculdade de Direito de Nictheroy.

—

Envergonhou-me. A moça do quadro adivinharia o seu pensamento ? Sentiu-se acanhado e julgou-se de uma imbecilidade alarmante, que a fazia pôr a si proprio no grupo dos outros rapazes da pensão, o Joaquim, o Raldo, o Manduca, aquelles soberbos idiotas, que remavam no club, frequentavam chás dansantes e discutiam football e gravatas com uma graça que deixava todas as moças da pensão num estado lastimavel.

— Você ouviu, Bizunga ? Bonito, não é ?

— E'.

Seu Pinheiro exhibia sua Decca portatil. D. Maria das Dôres elogiava a tôa. O silencio se enchia de fox-trots.

Elle teria tambem fox-trots musicando preguiças dominicaes ?

—

Pensou que seria melhor aproveitar aquelle domingo esplendido para ensaiar a felicidade, correndo ao encontro da sua propria felicidade. Mas, onde está a felicidade ? Tiram tudo dos logares. Naturalmente foi a Joanna, a arrumadeira estupida. E ficou indeciso tambem se seria possivel, a elle, fazer-se feliz por um esforço de vontade. A indecisão, estava evidente, era uma das suas caracteristicas, que tanto como a mania de falar mal dos outros, elle já tinha notado, mas fingia não perceber com uma optimistica opinião propria — logar commum. Então resolveu, para fugir das incertezas tremendas da sua vontade e das incer-

tezas, tão mansas, do seu coração, dormir. Dormir por aquelle domingo, todo luz e harmonia lá fóra, emendando o dia com a noite, que elle calculava tão linda como o dia, dormia atôa até a manhã apressada da segunda-feira, quando elle tivesse de escovar dentes e ir para o Banco.

E dormiu mesmo. O cabide não tinha mais sombra.

MARQUES REBELLO

GUIGNOL

(FIM)

As provas, como já disse, são assustadoras. E' preciso affrontar um crocodilho e matar o Diabo. Eu disse á Suzanna:

— Suzanna, olha o Diabo!

Ella respondeu:

— Aquillo é um negro!

Esta resposta, cheia de racionalismo, me desesperou. Porém, eu sei a que me agarrar, assisto com interesse á luta do Diabo com Gringalet, luta horrivel que termina com a morte do Diabo. Gringalet matou o Diabo!

Polichinello veiu nos fazer umas reverencias, o panno cahiu, os meninos e as meninas partiram e eu fiquei mergulhado nas minhas reflexões. Suzanna, vendo-me reflectir, pensa que estou triste. Ella imagina sempre que as creaturas que reflectem são desgraçadas. Com uma piedade delicada péga na minha mão e pergunta porque estou infeliz.

Conto-lhe que estou aborrecido porque Gringalet matou o Diabo. Então, ella passa os braços em torno do meu pescoço e, approximando a bocca do meu ouvido:

— Vou te dizer uma coisa. Gringalet matou o negro; mas, foi de mentira.

Estas palavras me socegam, convenço-me de que o Diabo não está morto, e vamos embora contentes.

ANATOLE FRANCE

O deputado Moreira Garcez lendo a sua conferencia sobre a Exposição Economica do Paraná.

Leitura "Para Todos"...

Um excellente magazine mensal que publica um pouco de tudo e que, portanto, a todos interessa, sendo o preferido dos viajantes pelas suas lindas novellas.

EDIÇÕES

PIMENTA DE MELLO & C.

TRAVESSA DO OUVIDOR (RUA SACHET), 34

Proximo á Rua do Ouvidor — RIO DE JANEIRO

BIBLIOTHECA SCIENTIFICA BRASILEIRA

(dirigida pelo prof. Dr. Pontes de Miranda)

INTRODUCÇÃO A' SOCIOLOGIA GERAL, 1º premio da Academia Brasileira, pelo prof. Dr Pontes de Miranda, broch. 16$, enc. .... 20$000
TRATADO DE ANATOMIA PATHOLOGICA, pelo prof. Dr. Raul Leitão da Cunha, Cathedratico de Anatomia Pathologica na Universidade do Rio de Janeiro, broch. 35$, enc. .... 40$000
TRATADO DE OPHTALMOLOGIA, pelo prof. Dr. Abreu Fialho, Cathedratico de Clinica Ophtalmologica na Universidade do Rio de Janeiro. 1º e 2º tomo do 1º vol., broch. 25$ cada tomo; enc., cada tomo .... 30$000
THERAPEUTICA CLINICA ou MANUAL DE MEDICINA PRATICA, pelo prof. Dr. Vieira Romeira. 1º e 2º volumes, 1º vol. broch. 30$000, enc. 35$; 2º vol. broch. 25$, enc. .... 30$000
CURSO DE SIDERURGIA pelo prof. Dr. Ferdinando Labouriau, broch. 20$, enc. .... 25$000
FONTES E EVOLUÇÃO DO DIREITO CIVIL BRASILEIRO, pelo prof. Dr. Pontes de Miranda (é este o livro em que o autor tratou dos erros e lacunas do Codigo Civil), broch. 25$000, enc. .... 30$000
IDÉAS FUNDAMENTAES DA MATHEMATICA, pelo prof. Dr. Amoroso Costa, broch. 16$000, enc. .... 20$000
TRATADO DE CHIMICA ORGANICA, pelo prof. Dr. Otto Roth, broch. .... enc.
MANUAL PRATICO DE PHYSIOLOGIA, prof. Dr. F. Moura Campos, broch. 20$, enc. ...... 25$000
TRATADO-COMMENTARIO DO CODIGO CIVIL BRASILEIRO, SUCCESSÃO TESTAMENTARIA, pelo Dr. Pontes de Miranda, broch. 25$000; enc. .... 30$000

LITERATURA:

CRUZADA SANITARIA, discursos de Amaury de Medeiros (Dr.) bro. .... 5$000
ANNEL DAS MARAVILHAS, contos para creanças, texto e figuras de João do Norte (da Academia Brasileira), broch. .... 2$000
COCAINA, novella de Alvaro Moreyra, broch. .... 4$000
PERFUME, versos de Onestaldo de Penafort, broch. 5$000
BOTÕES DOURADOS, chronicas sobre a vida intima da Marinha Brasileira, de Gastão Penalva, broch. .... 5$000
LEVIANA, novella do escriptor portuguez Antonio Ferro, broch. .... 5$000
ALMA BARBARA, contos gaúchos, de Alcides Maya, broch. .... 5$000
PROBLEMAS DE GEOMETRIA, de Ferreira de Abreu, broch. .... 3$000
CADERNO DE CONSTRUCÇÕES GEOMETRICAS, de Maria Lyra da Silva, broch. .... 2$500
CHIMICA GERAL, Noções, obra indicada no Collegio Pedro II, de Padre Leonel da Franca S. J., 3ª edição, cart. .... 6$000
UM ANNO DE CIRURGIA NO SERTÃO, de Roberto Freire (Dr.), broch. .... 18$000
LIÇÕES CIVICAS, de Heitor Pereira, 2ª edição, cart. .... 5$000
COMO ESCOLHER UMA BOA ESPOSA, de Renato Kehl (Dr.), broch. .... 4$000
HUMORISMOS INNOCENTES, de Areimor, broch 5$000
TODA A AMERICA, versos de Ronald de Carvalho, broch. .... 8$000
QUESTÕES PRATICAS DE ARITHMETICA, obra adoptada no Collegio Pedro II, de Cecil Thiré, broch. .... 10$000
FORMULARIO DE THERAPEUTICA INFANTIL, por A. Santos Moreira (Dr.), 4ª edição, enc. 20$000
CHOROGRAPHIA DO BRASIL, para o curso primario, pelo prof. Clodomiro Vasconcellos (Dr.), cart. .... 10$000
THEATRO DO "O TICO-TICO" — cançonetas, farças, monologos, duettos, etc., para creanças, por Eustorgio Wanderley .... 6$000

O ORÇAMENTO — por Agenor de Roure, broch. 15$000
OS FERIADOS BRASILEIROS, de Reis Carvalho, broch. .... 18$000
DESDOBRAMENTO — Chronicas de Maria Eugenia Celso, broch. .... 5$000
CIRCO, de Alvaro Moreyra, broch. .... 6$000
CANTO DA MINHA TERRA, 2ª edição, O. Marianno .... 10$000
ALMAS QUE SOFFREM, E. Bastos, broch. .... 6$000
A BONECA VESTIDA DE ARLEQUIM, A. Moreyra, broch. .... 5$000
CARTILHA, prof. Clodomiro Vasconcellos .... 1$500
PROBLEMAS DE DIREITO PENAL, Evaristo de Moraes, broch. 16$, enc. .... 20$000
PROBLEMAS E FORMULARIO DE GEOMETRIA, prof. Cecil Thiré & Mello e Souza .... 6$000
ADÃO, EVA, de Alvaro Moreyra, broch. .... 8$000
GRAMMATICA LATINA, Padre Augusto Magne S. J., 2ª edição .... 16$000
PRIMEIRAS NOÇÕES DE LATIM, de Padre Augusto Magne S. J., cart. no prélo. ....
HISTORIA DA PHILOSOPHIA, de Padre Leonel da Franca S. J., 3ª edição, enc. .... 12$000
CURSO DE LINGUA GREGA, Morphologia, de Padre Augusto Magne S. J., cart. .... 10$000
GRAMMATICA DA LINGUA HESPANHOLA, obra adoptada no Collegio Pedro II, de Antenor Nascente, professor da cadeira do mesmo collegio, 2ª edição, broch. .... 7$000
VOCABULARIO MILITAR, Candido Borges Castello Branco (Cel.), cart. .... 2$000
CHIMICA ELEMENTAR, problemas praticos e noções geraes, pelo professor C. A. Barbosa de Oliveira, vol. 1º, cart. .... 4$000
PROBLEMAS PRATICOS DE PHYSICA ELEMENTAR, pelo professor Heitor Lyra da Silva, caderno 2º, broch. .... 2$500
PROBLEMAS PRATICOS DE PHYSICA ELEMENTAR, pelo professor Heitor Lyra da Silva, caderno 3º, broch. .... 2$500
LABORATORIO DE CHIMICA, pelo professor C. A. Barbosa de Oliveira — 3 caixas, cada ... 90$000
CAIXAS COM APPARELHOS PARA O ENSINO DE GEOMETRIA, pelo professor Heitor Lyra da Silva, caixa 1 e caixa 2, cada .... 28$000
PRIMEIROS PASSOS NA ALGEBRA, pelo Professor Othelo de Souza Reis, cart. .... 3$000
GEOMETRIA, observações e experiencias, livro pratico, pelo professor Heitor Lyra da Silva, cart. .... 5$000
ACCIDENTES NO TRABALHO, pelo Dr. Andrade Bezerra, brochura .... 1$500
ESPERANÇA — Poema didactico da Geographia e Historia do Brasil pelo Prof. Lindolpho Xavier (Dr.), broch. .... 8$000
PROPEDEUTICA OBSTRETICA, por Arnaldo de Moraes (Dr.), 2ª edição, broch. 25$, enc. .... 30$000
EXERCICIOS DE ALGEBRA, pelo Prof. Cecil Thiré, broch. .... 6$000
PRIMEIRA SELECTA DE PROSA E POESIA LATINA, pelo Padre Augusto Magne S. J., broch. .... 12$000
EVOLUÇÃO DA ESCRIPTA MERCANTIL, de João de Miranda Valverde, preço .... 15$000
SÃ MATERNIDADE, pelo prof. Dr. Arnaldo de Moraes .... 10$000
ALBUM INFATIL — collectanea de monologos, poesias, lições de historia do Brasil em versos e de moral e civismo illustradas com photogravuras de creanças, original de Augusto Wanderley Filho, 1 vol. de 126 paginas, cart. 6$000
BIBLIA DA SAUDE, enc. .... 16$000
MELHOREMOS E PROLONGUEMOS A VIDA, broch. .... 6$000
EUGENIA E MEDICINA SOCIAL, broch. .... 5$000
A FADA HYGIA, enc. .... 4$000
COMO ESCOLHER UM BOM MARIDO, enc. .... 5$000
FORMULARIO DA BELLEZA, enc. .... 14$000

Officinas Graphicas d'O MALHO